

Pastoral Catequética

revista de catequese e educação

30

«A formação Cristã e o acompanhamento espiritual dos professores Católicos nas escolas»

**Mensagem para o encontro do Conselho das
Conferências Episcopais da Europa e do Comité
Europeu para a Educação Católica [9-11]**

CARD. ZENON GROCHOLEWESKI

Discurso de saudação [13-14]

CARD. VINKO PULJIC

**A formação cristã pessoal e o acompanhamento
espiritual dos docentes católicos nas escolas [15-18]**

MONS. MAREK JÊDRASZEWSKI

Mensagem de boas-vindas [19-19]

CHRISTINE MANN

**A formação cristã pessoal e o acompanhamento
espiritual dos docentes católicos nas escolas [21-28]**

MONS. ERIC AUMONIER

Homilia [29-31]

MONS. MAREK JÉDRASZEWSKI

**A Bósnia-Herzegovina de hoje, a situação da Igreja
e o perfil das escolas** [33-42]

MONS. PERO SUDAR

**Questões e desafios da formação nos docentes:
formar atores da missão educativa
em nome do Evangelho** [43-54]

FRANÇOIS MOOG

**O docente católico na escola pública,
testemunha das bem-aventuranças** [55-69]

GIOVANNI PERRONE

**A minha experiência:
como testemunho a minha fé?** [71-75]

NATAŠA MANDIC

Homilia da Santa Missa [77-79]

CARD. VINKO PULJIC

**A formação cristã pessoal e o acompanhamento
espiritual dos docentes católicos nas escolas** [81-92]

P. JOÃO SEABRA

**O futuro da formação cristã e do acompanhamento
espiritual dos docentes católicos
nas nossas escolas** [93-99]

ETIENNE VERHACK

Homilia [101-103]

MONS. FRANJO KOMARICA

Edição e Propriedade

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ

Contribuinte: 501104038

Quinta do Cabeço, Porta D 1885-076 MOSCAVIDE

Telef.: 21 885 12 85 / 21 886 35 11 Fax: 21 885 13 55

E-Mail: snec@snec.pt

Diretor

Acácio José Pereira Lopes

Conselho de Redação

Manuel Pelino Domingues, Anacleto Oliveira, António Francisco dos Santos,
António Moiteiro Ramos, Nuno Brás Martins, Cristina Sá Carvalho.

Sede da Redação

Quinta do Cabeço, Porta D 1885-076 MOSCAVIDE

Paginação e Montagem

Ângela Baptista

Tiragem

600 exemplares

Condições de assinatura

Número Avulso: 6 Euros

Assinatura Anual (3 números): 15 Euros

Ideografia

Aristides Dourado

Nº de Registo

124627

Impressão

GRÁFICA ALMONDINA

Zona Industrial

2354-909 Torres Novas

Depósito legal

221 724/05

Esta revista encontra-se à venda em Livrarias Religiosas

Editorial

DIÁC. ACÁCIO JOSÉ PEREIRA LOPES (*)

Dedicamos o presente número da nossa revista «Pastoral Catequética» exclusivamente às comunicações apresentadas no Congresso subordinado ao tema «**Formação cristã e acompanhamento pessoal dos docentes católicos na escola**», organizado conjuntamente pela secção “Escola” da Comissão CCEE “Catequese, Escola e Universidade”, pelo Comité Europeu do Ensino Católico (CEEC) e pela Conferência Episcopal da Bósnia-Herzegovina, entre os dias 15 e 18 de maio de 2014, e que reuniu, em Sarajevo, mais de 70 participantes, entre Bispos, responsáveis nacionais pela pastoral escolar, diretores e professores.

Segundo Mons. Eric Aumonier, Bispo de Versalhes e presidente da secção “Escola” da Comissão CCEE, que introduziu o tema, as preocupações do Congresso giraram à volta de 4 pontos essenciais:

- Os desafios da formação inicial e permanente dos docentes no seu caminho de fé pessoal;
- Como o docente comunica aos seus alunos a sua relação com Cristo;
- Como a Igreja acompanha os docentes;
- Quais as perspetivas futuras para uma pastoral dos docentes.

A atualidade e a pertinência destas preocupações justificam-se, segundo o Pe. Michel Remery, Vice-Secretário Geral do CCEE, “por termos consciência do papel fundamental do docente, ao lado dos pais, na formação integral e, portanto, também espiritual, dos jovens. Ao mesmo tempo, sentimos a exigência de os docentes que se professam católicos poderem ser ajudados a crescer na sua relação pessoal com Cristo. Só assim, o docente poderá

(*) Diretor.

responder à sua vocação, não só de ser educador e formador, mas sobretudo mestre. E ser mestre significa instaurar uma relação pessoal e sapiencial com o estudante. Esta relação deve saber tornar-se palavra de vida, antes de ser transmissão de noções. Em suma, significa, para o docente, corresponder à missão educativa que se manifesta também no dar razão da esperança, que é Cristo, que o anima quotidianamente na sua vida pessoal”.

Tendo em conta o facto de se ter realizado em Sarajevo, o Congresso abordou também a situação particular e o papel específico das escolas católicas («*Escolas para a Europa*») no futuro da Bósnia-Herzegovina como instrumentos de reconciliação e de paz numa região que evidencia ainda as feridas abertas pela guerra.

Ao contrário do habitual, em vez de apresentar aos nossos leitores uma síntese interpretativa pessoal das diversas comunicações apresentadas no Congresso, considereei mais pertinente transcrever, neste *Editorial*, uma parte daquilo que, a título conclusivo, foi apresentado no comunicado final à imprensa em 19/5/2014, sob o título «**Jesus: Fundamento da escola católica**»:

“Embora a situação dos docentes que trabalham nas escolas católicas e não confessionais seja muito diversa, emerge sobretudo um elemento comum a nível europeu: a paixão dos docentes pelo seu papel de educadores, não obstante as difíceis situações com que muitas vezes são confrontados.

*Entre os desafios, falou-se do **anonimato**. Muitas vezes, o docente católico que trabalha nas escolas não confessionais tem receio de revelar a sua filiação religiosa ou as referências ou valores a que se vincula. Isso causa uma certa solidão, uma marginalização, que, por vezes, pode chegar a uma verdadeira desmotivação na atividade didática, reduzida a uma simples transmissão de noções. A opinião hoje dominante tende, de facto, a indicar ao docente ‘incolor’, ‘insípido’ e ‘inodoro’ o modelo a seguir a pretexto do respeito pela diversidade dos alunos evitando qualquer forma de influência.*

Por outro lado, também o docente se sente cada vez mais confrontado com a crescente laicização e secularização da sociedade, que se refletem de modo especial nele com uma grande carência de cultura religiosa. Daí, a dificuldade de ajudar os jovens a despertar em si próprios a paixão de conhecer e encontrar as próprias raízes, construir a própria identidade, numa relação dinâmica entre memória e ‘procura’.

*Apesar de tudo, todos os participantes afirmaram que **é possível hoje ser comunidade escolar, se fundada em Cristo**. A resposta da Igreja é um convite à formação-acompanhamento dos docentes e, de modo especial, dos dirigentes escolares, que precisam de uma atenção específica e do contributo da inteira comunidade cristã (paróquia, associações...). É, de facto, a Igreja, no seu conjunto, que é comunidade educativa. Só assim é possível assegurar a coesão e a coerência entre um projeto educativo no âmbito da escola e o da inteira comunidade cristã.*

*Entre as diversas sugestões, surgiu a ideia de um **projeto educativo cristão**, capaz de integrar o conteúdo das diversas disciplinas ensinadas à luz da mensagem evangélica de Cristo. Trata-se de tornar disponível o 'património evangélico' (o contributo que o Evangelho pode dar ao conhecimento e à cultura, se acolhido), para que possa animar a vida dos homens, iluminar a sua existência e torná-los participantes, segundo as suas possibilidades, do Reino de Cristo.*

*Uma especial atenção foi dada também à **identidade da escola católica**. As experiências feitas no âmbito local mostram que as propostas de momentos de espiritualidade e de reflexão sobre o conteúdo da fé, aos docentes em primeiro lugar, mas também aos estudantes, são apreciados e procurados.*

*Também a questão da **liderança** destas escolas foi debatida, na consciência de que o dirigente escolar desempenha, na prática, um papel de "pastor". Nesse sentido, experiências de relações estreitas entre dirigentes escolares e bispos e párocos mostram bons resultados na implementação da dimensão missionária do educador católico na escola.*

*Em suma, **a escola católica deve representar um valor acrescentado**. Este valor acrescentado existe quando os docentes são acompanhados pela comunidade eclesial local no seu caminho de fé e quando a equipa de professores consegue criar um ambiente em que se respirem uma curiosidade positiva, a caridade para com todos, a seriedade na proposta educativa, assim como uma credibilidade autêntica nos seus testemunhos de fé".*

Votos de uma fecunda literatura.

**Mensagem para o encontro do
Conselho das Conferências Episcopais da
Europa e do Comité Europeu para a Educação
Católica sobre o tema:
«A formação cristã e o acompanhamento
espiritual dos professores Católicos nas
escolas»**

CARDEAL ZENON GROCHOLEWSKI (*)

Eminência Reverendíssima,
Excelências Reverendíssimas,
Delegados da pastoral do ensino,
Estimados conferencistas,

Antes de mais, quero fazer chegar a todos vós o meu maior apreço pela louvável iniciativa, em que participam Delegados da pastoral do ensino da Europa e ilustres conferencistas. Faço votos de pleno sucesso para o encontro, que escolheu um tema que muito me diz. Daí o prazer de me associar a todos vós através desta breve mensagem de apoio e gratidão.

1. Refletir sobre a necessária formação humana, pedagógica e espiritual dos docentes é uma oportunidade para reconhecer a maravilhosa e importante vocação de “todos os que recebem o encargo de educar nas escolas, ajudando os pais a cumprir o seu dever e fazendo as vezes da comunidade humana; é uma vocação que exige especiais dotes de alma e coração, uma preparação esmerada e uma permanente disponibilidade de renovação e adaptação” (Declaração *Gravissimum educationis*, 5). As palavras do Concílio

(*) Prefeito da Congregação para a Educação Católica.

ainda são de grande atualidade no contexto dos nossos dias. Perante a **emergência educativa**, com a consciência cada vez mais clara das múltiplas exigências e dificuldades que caracterizam o caminho formativo, a formação cristã dos docentes, bem como o seu acompanhamento espiritual, constituem um dos desafios mais árduos. O mundo da educação e da escola exige dos docentes renovado empenho, generosidade, abnegação e repensamento da própria missão educadora.

2. Permito-me sublinhar três aspetos, que considero importantes. O primeiro tem a ver necessariamente com a consciência vocacional de todo o docente cristão, ou seja, a sua **identidade**: a sua profissão deve ser vista como resposta a uma chamada e a um dom de Deus, vivido no trabalho quotidiano e na paixão de fazer da própria docência uma resposta plena, convicta e alegre à tarefa que lhe foi confiada. No seu íntimo, o docente cristão tem consciência de ser mestre, porque discípulo do único Mestre, que é Cristo. No seu DNA traz gravada a condição de cooperador de Deus ao serviço do crescimento do homem, revelando-lhe o seu amor manifestado em Jesus Cristo.

3. Um segundo aspeto, intimamente unido ao primeiro, tem a ver com a formação cristã e espiritual que envolve a **integralidade da pessoa**. Não basta uma “verniz” formativa ou o incremento de uma competência espiritual ao lado de outras capacidades. Há que pôr-se na escola de Cristo, porque é Ele que está no centro de toda a formação. É também Ele que acolhe e acompanha, com paciência e pedagogia, como fez com os seus discípulos, o percurso de crescimento de cada um. Do educador requer-se, portanto, uma formação inicial e permanente, capaz de cultivar a familiaridade com a Palavra de Deus e de celebrá-la na liturgia; capaz de fazer assumir os valores cristãos como um estilo de vida, como uma espiritualidade a testemunhar e a propor, valores verificados, antes de mais, em si próprio; capaz de aceitar o diálogo e as relações interpessoais, como dimensão da própria vocação de docente, como um modo fundamental de ser e conviver; capaz, finalmente, de tornar mais evangélico o compromisso com os pobres, com os excluídos e com os que vivem na periferia existencial, através da sua promoção humana, da defesa dos seus direitos e dignidade.

4. O terceiro aspeto é a **estreita relação entre a formação cristã dos docentes e a evangelização**, de que a educação é uma dimensão constitutiva.

Proclamar hoje a boa nova, que é Jesus Cristo, significa também acompanhar a história pessoal, o progresso e a vocação espiritual de cada pessoa. A educação deve, juntamente com as disciplinas pedagógicas, promover tudo o que a pessoa humana tem de verdadeiro, de bom e de belo. Portanto, a presença nas escolas de docentes dotados de uma sólida formação e de uma verdadeira motivação cristã reforça a missão evangelizadora da Igreja entre as novas gerações. As escolas, com efeito, são lugar privilegiado para fazer ressoar a alegria do Evangelho, em favor do crescimento de cada ser humano, não exclusivamente o acadêmico, mas segundo o projeto de amor que o Senhor tem para ele. Nas instituições escolásticas, os formadores católicos são testemunhas do património e do tesouro que a Igreja conserva, e tornam viva a fragrância da presença próxima de Jesus (cf. Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, nn. 160ss). Então, a vocação dos docentes, ajudando as famílias a introduzir os filhos na beleza da fé, oferece à Igreja uma grande oportunidade de transmitir a fé ou, pelo menos, de dá-la a conhecer.

5. Por fim, ecoam com eficácia as palavras que o Papa Francisco dirigiu a um grupo de estudantes e docentes: “Educar não é uma profissão, mas uma atitude, uma maneira de ser!” (Alocução aos estudantes das escolas geridas pelos Jesuítas na Itália e Albânia, 7 de junho de 2013). São palavras que recordam o elevado perfil do educador, traçado pelo Papa Paulo VI: “O homem contemporâneo escuta de melhor grado as testemunhas que os mestres e, se escuta os mestres, é porque são testemunhas” (Exortação Apostólica *Evangelii nuntiandi*, n. 41). A autoridade do educador e a eficácia da sua obra formadora fundam-se num credível testemunho de vida. Não basta ser mestres naquilo que se ensina, confiando o sucesso educativo à eficácia dos métodos, das técnicas e tecnologias; há que ser testemunhas credíveis da verdade e do bem, através da coerência da própria vida.

Renovando votos de bem para o bom sucesso do encontro, quero assegurar a todos os participantes, empenhados com zelo no mundo da educação católica, a minha lembrança na oração, pedindo ao Senhor que abençoe as vossas pessoas e o vosso serviço.

Discurso de saudação

CARDEAL VINKO PULJIC (*)

Ilustres Excelências,
Senhores e Senhoras,
Caros participantes neste Congresso sobre as Escolas Católicas!

Na qualidade de Ordinário desta Diocese, em cujo território se realiza este Congresso, dirijo-Vos as mais sinceras saudações e expressões de boas-vindas a Sarajevo, a esta Arquidiocese e a este país da Bósnia-Herzegovina.

Como primeiro passo de reação positiva, ainda durante a guerra, abrimos as escolas católicas, a que demos o nome de Escolas para a Europa. O Bispo Auxiliar, Mons. Pero Sudar, recebeu o necessário aval para organizar e gerir essas escolas no seu processo de construção e sucessivo funcionamento.

A Igreja local fizera essa experiência ao ser restabelecida, no fim do Império Otomano, a jerarquia eclesiástica. Então, o Servo de Deus, Mons. Josip Stadler, Arcebispo diocesano, abriu essas escolas. A ditadura comunista veio interromper esse trabalho e nacionalizou os edifícios, impedindo dedicarmos a esse setor. Ao sair da última guerra de 1992-1995, mais uma vez retomámos essa atividade. Nos sucessivos momentos deste encontro, tereis oportunidade de conhecer como funciona.

Encontrais-vos em Sarajevo. Nesta cidade, há cem anos, teve início a primeira Guerra Mundial. Infelizmente, o século passado ficou marcado por três guerras sangrentas. Hoje, encontramos-nos empenhados na construção

(*) Arcebispo de Sarajevo.

da paz. O verdadeiro problema consiste precisamente no que significa construir a paz. A dignidade do homem e os seus direitos deveriam ser a base para a construção da paz.

As escolas católicas têm um papel e uma missão especiais: investir na educação e na formação dos jovens. É o investimento mais precioso. Não basta porém uma formação intelectual; é essencial ajudar o homem a ser homem. Impõe-se uma educação à liberdade e responsabilidade, uma educação à convivência e tolerância, uma educação que leve todo o homem a ter a liberdade de ser o que pertence aos seus direitos e liberdades.

Para realizar esse processo de formação é de extrema importância uma sinergia entre as forças em campo: famílias, escolas e sociedade. Muito frequentemente, o Estado apropria-se dos direitos dos pais à educação, e também os pais, muito frequentemente, descumram a sua responsabilidade primária. Trata-se de um processo contínuo de sinergia, com o fim de ajudar os jovens a se tornarem capazes de viver e enfrentar todos os desafios da vida, de modo a responder-lhe com os verdadeiros valores que trazem dentro de si.

Caríssimos, invoco sobre todos vós, que participais neste Congresso, o dom do Espírito Santo, para que vos guie e ajude a refletir sobre quatro temas importantíssimos: como formar, com um caminho de fé, os docentes católicos; como ajudar os docentes católicos a comunicar aos seus alunos a verdadeira relação com Cristo; como deve a Igreja acompanhar os docentes e, por fim, quais as perspetivas futuras para uma pastoral dos docentes católicos.

Coragem! Deus Pai reuni-vos aqui, em Sarajevo, lugar que ainda conserva tantas feridas, mas também a certeza da vitória sobre a morte de Cristo, para falar *in primis* aos vossos corações. O futuro é realmente de Deus: esta é a grande certeza da nossa vida, o grande e verdadeiro otimismo.

Desejo-vos um bom trabalho, uma agradável estadia nesta cidade e neste país.

A formação cristã pessoal e o acompanhamento espiritual dos docentes católicos nas escolas

Oração e saudação de boas-vindas

MONS. MAREK JÊDRASZEWSKI (*)

Começamos o nosso Congresso com a oração, com que o Papa Francisco termina a sua Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*:

“Virgem e Mãe Maria,

Vós que, movida pelo Espírito, acolhestes o Verbo da vida na profundidade da vossa fé humilde, totalmente entregue ao Eterno, ajudai-nos a dizer o nosso “sim” perante a urgência, mais imperiosa do que nunca, de fazer ressoar a Boa Nova de Jesus. Vós, cheia da presença de Cristo, levastes a alegria a João Baptista, fazendo-o exultar no seio de sua mãe. Vós, estremecendo de alegria, cantastes as maravilhas do Senhor. Vós, que permanecestes firme diante da Cruz com uma fé inabalável, e recebestes a jubilosa consolação da ressurreição, reunistes os discípulos à espera do Espírito, para que nascesse a Igreja evangelizadora. Alcançai-nos agora um novo ardor de ressuscitados, para levar a todos o Evangelho da vida, que vence a morte. Dai-nos a santa ousadia de buscar novos caminhos, para que chegue a todos o dom da beleza que não se apaga. Vós, Virgem da escuta e da contemplação, Mãe do amor, esposa das núpcias eternas, intercedei pela Igreja, da qual sois o ícone puríssimo, para que ela nunca se feche nem se detenha na sua paixão de instaurar o Reino. Estrela da nova evangelização, ajudai-nos a refulgir com o testemunho da comunhão, do serviço, da fé ardente e generosa, da justiça e do amor aos pobres, para que a alegria do Evangelho chegue até

(*) Presidente da Comissão ‘Catequese, Escola e Universidade’. Arcebispo de Łódź (Polónia).

aos confins da terra e nenhuma periferia fique privada da sua luz. Mãe do Evangelho vivente, manancial de alegria para os pequeninos, rogai por nós. Ámen. Aleluia!

Eminência Reverendíssima Senhor Cardeal, Arcebispo de Vrhbosna-Sarajevo,

Excelências Reverendíssimas,

Caríssimos irmãos no Sacerdócio de Cristo,

Ilustríssimos e respeitáveis participantes neste Congresso, que se ocupa de um dos mais importantes problemas relativos às escolas na Europa.

Na qualidade de Presidente da Comissão 'Catequese, Escola e Universidade' do CCEE, desejo, antes de mais, exprimir a nossa profunda alegria por ter podido vir até aqui, a Sarajevo, para o Congresso sobre "A formação cristã pessoal e o acompanhamento espiritual dos docentes católicos nas escolas". Com este precioso evento, queremos não só delinear as perspectivas das nossas futuras atividades no campo da escola, mas também conhecer melhor a vida da Igreja Católica nesta região, mais propriamente neste Estado do nosso Continente, que é precisamente a Bósnia-Herzegovina

"Ao lado da família e em ligação com ela, também a escola proporciona à catequese possibilidades que não hão de ser desaproveitadas. Naqueles países, cada vez mais raros infelizmente, onde é possível ministrar uma educação da fé dentro do enquadramento escolar, é dever da Igreja procurar fazê-lo o melhor possível. Refere-se isso, em primeiro lugar, evidentemente, às escolas católicas: mereceriam elas esse nome, se, apesar de brilharem por um nível elevado de ensino em matérias profanas, houvesse justificados motivos de lhes censurar negligência ou desvio na educação propriamente religiosa? E não se diga que esta sempre se há de dar implicitamente ou de maneira indireta! O carácter próprio e a profunda razão de ser das escolas católicas, aquilo por que os pais católicos as devem preferir é precisamente a qualidade de o ensino religioso ser integrado na educação dos alunos".

Trata-se de uma passagem do número 69 da Exortação Apostólica *Catechesi tradendae* de São João Paulo II, publicada no primeiro aniversário da sua eleição papal, a 16 de outubro de 1979. Como bem sabemos, essa Exortação já tinha sido em grande parte preparada pelo Servo de Deus Paulo VI, que, em outubro deste ano será beatificado, e veio a ser refeita,

depois, por João Paulo I, que estava para publicá-la. Num certo sentido, a Exortação Apostólica *Catechesi tradendae* é, portanto, obra dos três papas. Estou profundamente convencido que as suas supracitadas palavras devam ser tomadas em consideração no nosso Congresso. A formação dos docentes católicos nas escolas é parte importante do processo de criação da autêntica escola católica, onde a formação propriamente religiosa deve encontrar o seu lugar próprio, como ouvimos, bem “integrado na educação dos alunos”.

Naturalmente, nas escolas que não são católicas, a situação dos docentes católico-leigos é diferente. Não podem eles, porém, esquecer duas realidades. A primeira toca-lhes pessoal e diretamente: são cristãos e, portanto, ao receber o Batismo, ficaram obrigados a ser missionários, ou seja, testemunhas de Jesus Cristo. A segunda realidade diz respeito aos seus alunos. É verdade que estes podem ser ou não crentes. Mas é igualmente verdade que, como escreve São João Paulo II na sua primeira Encíclica *Redemptor hominis*, cada homem, mesmo não crente, pode descobrir a sua dignidade humana e o seu mistério de ser homem através da pessoa de Jesus Cristo. Tal dado deveria então encorajar os docentes católicos a não ter medo de falar de Jesus Cristo aos seus alunos, pois trata-se, na verdade, de proclamar e criar nos corações destes um verdadeiro humanismo. Para os docentes, sobretudo os católicos, não pode haver tarefa mais linda e fascinante que a de mostrar aos seus alunos a grandeza do homem, descoberta através da pessoa de Jesus de Nazaré.

Agradeço de coração e com distinto obséquio, a Sua Eminência Reverendíssima o Senhor Cardeal Vinko Puljic, Arcebispo de Chrbosna-Sarajevo, o ter-me convidado a vir a este seu país e à sua Igreja e o ter oferecido a alguns de nós a preciosa hospitalidade na sua Casa Episcopal. Iguais expressões de gratidão muito sincera estendo aos seus mais estreitos colaboradores.

Saúdo muito reconhecidamente Sua Excelência Reverendíssima, Monsenhor Eric Aumonier, Presidente da secção ‘Escola’ da Comissão ‘Escola, Catequese, Universidade’ do CCEE, bem como a Senhora Doutora Christine Mann, Presidente do CEEC, ou seja, do Comité Europeu para o Ensino Católico. CEEC é a organização, que, em colaboração com a secção ‘Escola’ da nossa Comissão, organizou o Congresso, em que temos a honra e a alegria de participar.

A formação cristã pessoal e o acompanhamento espiritual dos docentes...

Tenho muito gosto em ver aqui presentes o Vice-Secretário Geral do CCEE, Reverendíssimo Padre Michel Remery, e os seus bravíssimos colaboradores. Agradeço a solícita atenção com que trata todos estes temas da nossa Comissão e, por conseguinte, também a atividade da secção 'Escola'.

Agradeço a todos os que nos honrarão com as preciosas intervenções que terão durante o Congresso. Tais intervenções darão certamente uma preciosa indicação para os nossos futuros empenhos.

Por fim, dirijo-me com um cordial pensamento e saudação a todos os participantes no Congresso, desejando-lhes uma feliz e frutuosa estadia em Sarajevo, mesmo se aqui, há já alguns dias, chove sem interrupção, dia e noite, provocando já enormes danos.

Mensagem de boas-vindas

DRA. CHRISTINE MANN (*)

Caros amigos de toda a Europa!

É uma honra para mim, dar-vos, em nome do CEEC, as boas-vindas a Sarajevo, cidade muito importante do ponto de vista histórico. Aqui, tiveram início batalhas horrendas, e aqui foi assassinado o príncipe herdeiro Francisco Ferdinando, o que não deveria necessariamente levar a uma guerra mundial, mas infelizmente levou. Permiti que interprete como especial sinal de esperança o facto de nos reunirmos aqui, nestes dias, em encontros de amigos, a nível europeu, para que a história europeia passe a orientar-se por novas regras e assim continue no futuro; estou a pensar no que se está a passar hoje na Ucrânia. Temos a certeza de que as nossas escolas católicas estão a dar hoje um importante contributo à Europa, para que esta se torne realmente o que deve ser: uma Europa em paz, uma Europa que não signifique apenas uma potência económica, mas uma Europa onde as religiões sejam reconhecidas como importantes promotores de valores e tenham um lugar estável e reconhecido.

(*) Presidente do CEEC.

A formação cristã pessoal e acompanhamento espiritual dos docentes católicos nas escolas

MONS. ERIC AUMONIER (*)

Introdução ao tema

O tema que nos vai ocupar nestes três dias é, por assim dizer, estratégico. É-o porque, atingindo a vida espiritual dos docentes e, portanto, a sua liberdade espiritual, atinge todos aqueles que, por meio destes, são ajudados a descobrir e a amadurecer a própria liberdade cristã: os alunos certamente, mas também os educadores e os pais e, em última análise, a sociedade no seu conjunto.

Beneficiamos dos trabalhos do Comité Europeu para o Ensino Católico, que, desde 2011, vem refletindo sobre a formação cristã do corpo docente. Aproveito para agradecer ao Senhor Verhack e ao Padre Fossion, sj, o seu tão apreciável contributo. E agradeço a todos os que nestes dias nos darão as suas luzes.

Partindo da convicção e da constatação de que o mestre da vida espiritual é o Espírito Santo, proponho-vos três considerações: 1) o aspeto misterioso ou teologal da educação; 2) a colaboração do homem na ação do Espírito é combate espiritual; 3) o clima desse combate é eclesial.

1. A ligação entre ensino, educação e mistério do amor de Deus

A formação dos jovens deve ajudá-los a entrar na interioridade. Trata-se de formar o espírito, de suscitar, numa personalidade única, não só capacidades técnicas e intelectuais próprias ou ao alcance da própria

(*) Bispo de Versalhes, França.

curiosidade, mas também a consciência da sua interioridade e capacidade de abertura à totalidade.

É uma empresa apaixonante, que nem sempre é fácil, porque a vida do espírito sofre ameaças e pode-se falsificá-la, sufocá-la em parte, feri-la, mantê-la na indiferença. Não faltam manipulações do espírito, ideológicas e políticas, e pressões económicas a que é vulnerável. Não se pode extinguir de todo a vida do espírito, mas é possível aliená-la com a propaganda mediática.

Disso estão, por princípio, convencidas as escolas católicas, e até o ensino público nem sempre está fechado a tais perspetivas.

Para nós católicos, a formação do ser humano, em todas as suas dimensões, não só é complexa, mas comporta uma dimensão, que se pode chamar misteriosa, porque referida a Deus como mistério, fonte de inteligência e de amor e, mais precisamente, ao Espírito Santo, que leva à verdade total.

O ato fundante da formação é a criação do homem e da mulher e a confiança que lhes é dada. O homem não pode ser totalmente compreendido senão como aquele a quem o próprio Deus dá atenção, aquele que Deus salva, que recria e torna participante do seu Espírito. O homem só pode ser concebido como membro de um povo salvo e amado, levado à sua plena estatura por Deus em Cristo. Para cada um dos membros do corpo eclesial, deixar-se formar significa deixar-se configurar com o Filho, deixar-se transfigurar n'Ele, viver segundo o homem novo a vida nova assim oferecida.

O homem não pode ser concebido fora da luz do Ressuscitado e da esperança da ressurreição. Mais, o homem e a mulher são "já ressuscitados", quando a fé operosa é o centro da sua vida. E não se os compreende totalmente sem a sua vocação à liberdade plena de filhos de Deus.

O acompanhamento desta formação dos jovens e professores tem ligação com a presença do Espírito Santo, operante na Igreja e, portanto, apoia-se n'Ele. Os discípulos deixam-se instruir e santificar pela Palavra e nutrir pelos sacramentos na Igreja, deixando que as virtudes morais e teológicas impregnem a sua vida e comportamento.

2. O trabalho do educador como combate espiritual

O exercício quotidiano desta tarefa é um trabalho que tem por terreno o próprio coração do docente, e também o dos alunos. Trata-se de um trabalho, ao mesmo tempo, físico, psicológico, moral e espiritual sobre si próprios.

Basta passar em revista os vários aspetos dessa tarefa, para nos convenceremos disso.

Para educar ao respeito da pessoa, única e reconhecida como tal e ao respeito das pessoas em geral; para educar ao reconhecimento do valor da pessoa e para educar à admiração da natureza, das coisas e dos seres, não será talvez necessário estar interiormente habitados por uma verdadeira espiritualidade da criação?

Para aprender a olhar e a escutar para compreender; para ajudar a viver o silêncio, e aprender a estar atentos; para educar à interioridade, não será necessário que nós próprios vivamos o tempo como dimensão da paciência?

Para compreender e viver a relação e a comunicação com os próprios alunos; mas, também dentro de uma comunidade educativa, para respeitar não só as diferenças, mas sobretudo as pessoas e, contemporaneamente, desejar e realizar a comunhão, não será talvez necessário sermos nós próprios habitados por uma sólida espiritualidade de comunhão?

Para enfrentar a violência, a que também se deve dar um nome, sem fugir dela nem mascarar-la, e para resistir a essa violência, educando à paz nas relações quotidianas, não será talvez necessária uma verdadeira coragem moral, física e espiritual?

Quando se trata de dar um juízo ou uma avaliação, que não sejam nem uma sanção desencorajadora nem um estímulo à vaidade, mas antes e, ao mesmo tempo, uma palavra e um ato de bênção, não será talvez necessário que também nós mesmos tomemos as bem-aventuranças como regra de vida?

A fé do docente que se deixa modelar e habitar pela caridade, a fé assim “formada”, acaba sempre por brilhar e ter sal. O seu modo de ser, de olhar para cada um, a começar pelo que se encontra em maior dificuldade; o seu modo de comportar-se (justiça, correção, atenção, paciência, esperança, etc.); a alegria que emana dele ou dela, o seu amor simples e verdadeiro pela Igreja, a sua grande competência profissional, têm um enorme impacto.

A capacidade de relação do docente, caracterizada pela liberdade e pela exigência, também é eminentemente educativa, e não se confunde com os parâmetros psicológicos da vida numa sociedade civilizada com os seus códigos. O mesmo vale para o modo como o docente é solidário, sem ingenuidade nem adulação, com o projeto do instituto e com a missão da Igreja na sociedade.

Do que o docente ensina, do próprio ato de ensinar e da sua maneira de ensinar, do dom de si e da atenção que presta ao outro, da gratuidade da sua relação, deriva o modo como os jovens irão projetar a sua vida: como dom ou como obrigação.

Os docentes estão no caminho de vida dos alunos, e estes no do docente. Ao serviço da vida dos jovens, numa situação de educação fraterna, a relação educativa contribui para o crescimento espiritual de uns e de outros.

A este ponto, há que falar não só do gosto de ensinar, mas da alegria, a alegria de dar e transmitir, de “dar à vida” e, mais em geral, da alegria de estar na própria vocação. É aí que se joga ou se verifica o combate espiritual do docente, tentado da impaciência e do desânimo.

Perante o contraste entre o que idealizamos e o que acontece em nós mesmos e nos alunos, a desilusão ou o cansaço vencerão, farão morrer a alegria? O docente usará a sua inteligência para distinguir entre o que depende dele e o resto? Para sair da “desolação”, voltará ele ao centro, ao coração de si mesmo? Quem o ajudará nisso, se pensa que ninguém o compreende verdadeiramente? E quem ajudará o docente a entrar nesse esforço – que comporta uma parte de combate espiritual – de compreender o que lhe diz o Espírito?

Não bastam os convites a conciliar ambição educativa e modéstia, como também não bastam as consolações, mais ou menos justas e eficazes, dos colegas. O primeiro educador, tanto do docente como do aluno, é o Espírito Santo, que atua na inteligência e no coração de um e outro, soprando quando quer e vindo donde quer. Mas quem irá ajudar o docente a ouvir o que diz o Espírito?

3. O clima cultural e eclesial que os docentes respiram

Como têm os educadores e docentes acesso ao clima da formação cristã e, nomeadamente, da formação espiritual e eclesial e fraterna, que nos recorda o catecumenado?

A nossa época já não é a do século IV, quando todos os fiéis iam ouvir o bispo comentar a Sagrada Escritura, várias vezes na semana, mesmo não transmitindo a televisão os jogos do circo; não é a das invasões, quando a cultura era dada nos mosteiros, onde muitos encontravam refúgio e onde se assegurava uma transmissão entre as gerações; não é também a da Idade Média, quando a cultura se dava nos colégios anexos às universidades ou nas escolas das catedrais. Esses não eram só lugares de ensino e de transmissão de conhecimentos, mas lugares de vida e de oração, de iniciação a um comportamento, ao mesmo tempo, social, político e religioso. Fé e razão, revelação divina e reflexão filosófica, sem confusão, não se opunham.

Hoje, os lugares de cultura, de transmissão da fé, transformaram-se. Há séculos que o terreno cultural mudou, e muda com frequência. Os meios de informação cultural, desde os museus à internet, diversificaram e enriqueceram-se. Temos, hoje, contemporaneamente, troca de informações e facilidades para a investigação pessoal. Mas, ao mesmo tempo, o homem pode não conhecer as suas raízes e, portanto, ser menos livre; pode não interrogar-se sobre as causas e finalidades. Mesmo que deem ensinamentos na língua do país e numa precisa cultura, as escolas acolhem jovens provenientes de diversas culturas e religiões diferentes.

Neste âmbito cultural, a transmissão da fé faz-se, também para os professores, com novos desafios.

Apesar da diferença entre os séculos, a exigência mantém-se a mesma, porque a fé não é o produto de uma construção improvisada individualmente. A fé nutre-se quando é partilhada, quando a palavra é perscrutada e comida, não só individualmente, mas em comunidade eclesial.

Por isso, é extremamente importante a participação na vida da comunidade e da paróquia como comunidade de vida e como “clima litúrgico”, onde a Palavra de Deus é escutada e explicada.

Daí que também que deveriam facilitar-se os intercâmbios e as possibilidades para que os docentes possam, juntamente com os outros, crentes ou não crentes, tornar-se atores reconhecidos do diálogo entre cultura e fé, e tenham os meios para enriquecer esse diálogo com toda a liberdade, num desejo sincero de procurar e encontrar a verdade.

A fé também se nutre por ser exposta. O ambiente é exposto, encontra-se neste mundo: não exula da condição humana, e permite que se formem diálogos, amizades, adversidades e, portanto, propostas da fé. Somos

estruturalmente e por nascimento “como estrangeiros domiciliados” (Carta a Diogneto). Como todos os cristãos, os docentes são confrontados com obstáculos internos e externos. Perante os preconceitos ou a ignorância da doutrina da Igreja e das Escrituras no que lhes diz respeito, ou perante a sua própria ignorância, nem todos têm a simplicidade de admiti-lo e de falar nisso; nem todos têm a “parresia” dos testemunhas! Perante um projeto demasiado vago ou pouco adequado da própria escola ou perante injustiças não resolvidas, os docentes nem sempre sabem com quem poder livremente falar em propósito.

A importância, e até mesmo o dado vital, de ter as próprias raízes na Igreja torna-se mais evidente, quando se veem os novos perfis dos docentes, nos seus modos de aproximar a fé.

Hoje como ontem, não existe um docente-tipo; cada um tem a sua história, a sua personalidade, e nenhum se pode abstrair do seu tempo e cultura. Mas, mais do que ontem, os itinerários dos católicos que descobrem a fé são diversos.

Nem sempre beneficiaram de uma transmissão em família, nem todos foram batizados em criança; alguns receberam o primeiro anúncio da fé durante os seus estudos universitários; a sua prática sacramental e, portanto, a sua experiência da comunidade cristã, de modo especial na paróquia, a sua vida de oração pessoal são diferentes, mas também o são o seu empenho na sociedade, no mundo associativo, na política, etc. Se assim se pode dizer, o seu nível de fé é muito diversificado.

Alguns casaram-se e dão, discreta mas realmente, um testemunho de esposos fiéis, outros estão divorciados, outros divorciados e recasados, alguns optaram pelo celibato e dedicam-se totalmente ao ensino, outros não escolheram e, talvez, não aceitaram um determinado estado de vida. A sua maneira de assumir a verdade do ensino e a coerência da sua vida são diversas. E, mesmo na escola católica, o docente está empenhado de várias formas no anúncio explícito da fé, no ensino do dado religioso, da cultura cristã, da catequese, do aprofundamento da fé.

Duas observações conclusivas

a) A primeira observação tem a ver sobretudo com o ensino católico, e diz respeito a quem dirige o instituto de ensino (diretor ou responsável).

As responsabilidades em questão são aqui as do bispo, do diretor diocesano, dos centros de formação dos docentes, das universidades católicas, dos responsáveis pelos programas de catequese e do superior do instituto. Limite-me a este último.

Eis a pergunta que fez uma nova diretora, que, depois de uma dezena de anos de ensino como professora de línguas, na França e no Líbano: *“Tive a sorte de uma nova conversão e de uma redescoberta do Senhor e da fé. Gostaria de aprofundar a fé. Ao mesmo tempo sinto desejo de anunciar o amor de Deus, e vejo bem o que foi para mim o caminho de liberdade. Como fazer? Não posso impor o meu itinerário como modelo. Como ajudar os meus alunos e os membros da equipa educadora no seu caminho de fé?”*.

Uma vez que é sua tarefa cuidar do bem-estar e saúde de cada docente, como é o superior ajudado a acolher a própria missão e a aprender a relê-la e a refletir sobre ela? Como concebe ele e como põe em prática o respeito pelo caminho de liberdade de uns e de outros? Está ele bastante livre interiormente para testemunhar a sua fé; é capaz de corresponder-lhe? Como se põe ao serviço da comunhão – e não só da comunicação – na sua equipa? Qual é a sua adesão eclesial e sacramental?

Como pode o superior do instituto integrar as tradições educativas, transmitir o dinamismo do instituto, ajudar a viver o tempo como tempo litúrgico? Como garante o primeiro anúncio, a catequese, o aprofundamento da fé e o ensino do dado religioso, sem fazer tudo e sem delegar tudo, mas empenhando-se de modo significativo?

b) A direção espiritual

A liberdade humana para conhecer e escolher o bem, para responder à própria vocação e servir a vocação dos outros, para descobrir a vontade de Deus e tomar pessoal e livremente as decisões oportunas, necessita de reflexão, como também do confronto com os outros.

A ajuda do Senhor é fraterna; é-nos dada através da Igreja. Esta vê nos Exercícios inspirados por Santo Inácio um instrumento precioso, incomparável e insubstituível: escola de discernimento dos espíritos e das moções espirituais quotidianas, escola de oração, escola da escuta da Palavra de Deus e da contemplação do Verbo Incarnado, escola para “compreender as coisas” como a Igreja as compreende (o “sentire cum Ecclesia”), etc.

Como é possível, sobretudo no pontificado do Papa Francisco, não citar Pedro Favre e Inácio, que orientaram exercícios de cinco, oito ou trinta dias aos grandes deste mundo? Fazendo-o, tinham consciência de estar a trabalhar para que pessoas com responsabilidades sociais e políticas e, portanto, de grande influência, pudessem converter-se, iluminando o ambiente com o seu estado de vida e profissão, para que o Reino de Deus fosse mais bem servido. Se vivessem hoje entre nós, não iriam talvez ao encontro dos professores?

Aqui está um tesouro específico da Igreja, que não contraponho ao serviço, bem distinto, prestado pelos psicólogos.

Tocamos aqui numa necessidade e urgência, tanto mais sensíveis quanto são raros os diretores espirituais e a formação dos assistentes espirituais exige muito tempo.

Não quero dizer que todo o docente deva recorrer sempre à ajuda da direção espiritual. Se o ensinamento da Igreja é verdadeiramente dado e se as pessoas vivem uma vida sacramental regular, a sua consciência é iluminada e alimentada. Mas, ao menos, todo o docente deveria poder recorrer a ela, quando precisasse. Na realidade, estamos geralmente bem longe de poder oferecer uma tal possibilidade.

Concluo

Uma sólida formação cristã, se bem feita em todos os seus componentes, terá um impacto considerável, tanto educativo como social e missionário.

O ensinamento do Papa Francisco recordou-nos, há bem pouco, a alegria da missão. Um aspeto desta alegria consiste na ajuda fraterna para uma verdadeira e viva relação do jovem com Deus, com os seus irmãos e consigo mesmo.

Homilia

15 de maio de 2014

MONS. MAREK JÊDRASZEWSKI (*)

IV Semana do Tempo Pascal

(Atos 13,13-25 e Jo 13,16-20)

Depois de ter lavado os pés aos Apóstolos, no Cenáculo, Jesus dirigiu-lhes uma – pode dizer-se – hermenêutica do gesto extraordinário que realizara perante os seus discípulos. Essa hermenêutica termina com uma única frase, que traz, ao mesmo tempo, uma indicação de hierarquia de valores: “O servo não é maior do que o seu senhor, nem o enviado é maior do que aquele que o enviou” (Jo 13,16b). Daí emerge, portanto, que no Reino de Deus, cuja vinda Jesus proclamara durante os três anos da sua peregrinação por terras da Palestina, Reino que se manifestara no luminoso mistério da última Ceia, cada um tem um lugar estabelecido pelo princípio: o que envia e o que é enviado.

Jesus também Se submete a esse princípio. E, mais, acrescenta estas palavras: “Quem recebe aquele que Eu enviar, a Mim recebe; e quem Me recebe a Mim, recebe Aquele que Me enviou” (Jo 13,20). Há, portanto, Deus Pai que envia o seu Filho Primogénito, e há o Filho que envia os seus Apóstolos – enviados, anunciadores –, da palavra grega ἀδϊόδιϊϊϊò, que significa “o enviado, o anunciador”. Ao conhecimento e realização desse princípio, Cristo uniu também a bênção: “Sabendo isto, sereis felizes se o puserdes em prática” (Jo 13,17).

Precisamente na linha deste princípio – o que envia e o que é enviado –, São João Batista proclamou a vinda do Messias, a que São Paulo se refere

(*) Presidente da Comissão ‘Catequese, Escola, Universidade’. Arcebispo di Łódź (Polónia).

na tarde de sábado em Antioquia da Pisídia: “Prestes a terminar a sua carreira, João dizia: ‘Eu não sou quem julgais; mas depois de mim, vai chegar Alguém, a quem eu não sou digno de desatar as sandálias dos seus pés’” (Atos 13,25).

No carisma do apóstolo de Cristo – anunciador – está inscrito o conteúdo do anúncio que lhe é confiado. Não significa que o anunciador se limite a proclamar as palavras recomendadas; antes de mais, o anunciador deveria transmitir a todos Aquele que o enviou e a sua doutrina. Assim fez o próprio Jesus no Cenáculo: anunciando a todos a verdade de Deus Pai, que, de facto, “amou tanto o mundo que lhe entregou o seu Filho Unigénito” (cf. Jo 3,16), realizou o gesto de amor supremo e humilde: lavando os pés aos Apóstolos, humilhou-Se, assumindo o papel de servo. Jesus esperava – e espera – precisamente esse modo de agir, o modo de os seus discípulos realizarem o seu anúncio apostólico: “Se Eu, que sou Mestre e Senhor, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros. Dei-vos o exemplo, para que, assim, como Eu fiz, vós façais também” (Jo 13,14-15)

Todos os que receberam o mandato de anunciar a Boa Nova devem aplicar estes princípios. Por outro lado, temos o mundo que espera pelo Evangelho, espera que os chefes da Sinagoga exprimam, de forma admirável, diante de São Paulo e seus companheiros em Antioquia da Pisídia: “Irmãos, se tendes alguma exortação a fazer ao povo, falai!” (Atos 13,15b).

Caros irmãos e irmãs, caros participantes no Congresso que tem por tema “A formação cristã e o acompanhamento espiritual dos docentes católicos nas escolas”. Todos nos apercebemos de que os docentes católicos que trabalham nas escolas devem ter, antes de mais, consciência de que nos corações e mentes dos jovens há o desejo da verdade e da bondade. Por isso, os docentes, nas diversas situações e contextos do seu trabalho, devem ser sempre capazes de, sem hesitação, proferir as palavras que São Pedro dirigiu aos habitantes da Bitínia: “Venerai Cristo Senhor em vossos corações, prontos sempre a responder, a quem quer que seja, sobre a razão da vossa esperança” (1Pe 3,15b).

Os docentes católicos devem, além disso, ser cientes de que foram enviados a testemunhar Cristo em virtude do sacramento do Batismo que receberam. Na Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, o Papa Francisco escreve palavras impressionantes em propósito: “Em virtude do Batismo recebido, cada membro do Povo de Deus tornou-se discípulo missionário (cf. Mt 28,19).

Cada um dos batizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito ativo de evangelização, e seria inapropriado pensar num esquema de evangelização realizado por agentes qualificados, enquanto o resto do povo fiel seria apenas recetor das suas ações. A nova evangelização deve implicar um novo protagonismo de cada um dos batizados. Esta convicção transforma-se num apelo dirigido a cada cristão para que ninguém renuncie ao seu compromisso de evangelização, porque, se uma pessoa experimentou verdadeiramente o amor de Deus que o salva, não precisa de muito tempo de preparação para sair a anunciá-lo, não pode esperar que lhe deem muitas lições ou longas instruções. Cada cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Cristo Jesus; não digamos mais que somos ‘discípulos’ e ‘missionários’, mas sempre que somos ‘discípulos-missionários’” (EG, 120).

Grande responsabilidade cabe aos que receberam a incumbência da formação cristã e do acompanhamento espiritual dos docentes católicos. Semelhante responsabilidade não se pode limitar a aprofundar a ciência filosófica ou teológica, que é necessária e se deve transmitir aos docentes. Não se pode ser apenas a fonte de um somatório de informação acerca de Deus e da sua Igreja. Há que abrir-se à evangelização, ou seja, ao aprofundamento da própria fé, feito por outros. O Papa Francisco escreve, com efeito, na *Evangelii gaudium*: “Certamente todos nós somos chamados a crescer como evangelizadores. Devemos procurar simultaneamente uma melhor formação, um aprofundamento do nosso amor e um testemunho mais claro do Evangelho. Neste sentido, todos devemos deixar que os outros nos evangelizem constantemente; isto não significa que devemos renunciar à missão evangelizadora, mas encontrar o modo de comunicar Jesus que corresponda à situação em que vivemos. Seja como for, todos somos chamados a dar aos outros o testemunho explícito do amor salvífico do Senhor, que, sem olhar às nossas imperfeições, nos oferece a sua proximidade, a sua palavra, a sua força, e dá sentido à nossa vida” (EG, 121).

Caros irmãos e irmãs, a Eucaristia de hoje é a grande súplica dirigida a Jesus Cristo, para que nos dê o Espírito Santo – o Espírito da sabedoria, do amor e da verdade –, para podermos, neste Espírito, redescobrir e reforçar sempre dentro de nós próprios a consciência da missão no seu nome, para dar o testemunho concreto que “Deus é amor” (1Jo 4,8b). Antes, devemos, como os seus missionários – com humildade e alegria – deixar que os outros também nos anunciem as palavras da “vida eterna”.

Ámen.

A Bósnia-Herzegovina de hoje, a situação da Igreja e o perfil das escolas

MONS. PERO SUDAR (*)

Introdução

Pediram-me para vos apresentar a situação da Bósnia-Herzegovina de hoje, com especial referência às condições em que a Igreja Católica se encontra e ao perfil das *Escolas católicas para a Europa*. Só me apercebi da delicadeza e complexidade do tema, quando comecei a pensar como organizar esta relação e o que dizer. Reconheço que não é raro acontecer-me deparar com maiores, quando tenho de apresentar realidades que, à primeira vista, me parecem simples. Assim constato como é verdadeira a afirmação de que só conhecemos bem as realidades que conseguimos comunicar com clareza aos outros. Penso que é o que também vos acontece muitas vezes. Estou profundamente convencido que a fidelidade ao dever de pensar e refletir sobre si mesma e sobre o mundo em que vive confirme ou desminta a dignidade fundamental de uma pessoa. Pois é precisamente pela sua capacidade de pensar que o homem se diferencia do resto da criação e se torna o mais perfeito de todos os seres criados (São Tomás de Aquino). Temo que a lacuna fundamental do homem de hoje se deva individuar precisamente numa certa fuga desse dom e dever por excelência. Condições e circunstâncias da vida não me permitiram estudar muito e aprofundar certos campos de caráter científico. O ambiente, porém, e o tempo em que vivo obrigaram-me a pensar muito. Por isso, não o vos apresentarei teorias científicas mas mais o meu modo de refletir sobre a realidade em que vivo e tenho a peito.

Saúdo cordialmente todos os que participam neste Congresso sobre um tema tão importante e delicado, desejando a todos um bom e frutuoso trabalho nestes dias.

(*) Bispo auxiliar de Sarajevo.

Achei que devia deter-me sobre o significado dos conceitos que se encontram no título desta relação e sobre a natureza da sua correlação. Por isso, esta minha intervenção se articulará em três pontos. Como vedes, falo em italiano para facilitar o trabalho dos tradutores.

1. A Bósnia-Herzegovina

O primeiro dado que torna este tema complexo é a própria realidade da Bósnia-Herzegovina (BeE). É um pequeno país (51.209 km²) sobre cujo significado etimológico do nome os especialistas em matéria não estão de acordo. Gostaria que fosse verdadeira a teoria de que o nome “Bósnia” vem da palavra ilírica *bos*, que significa “sal”. Temo porém que o comportamento dos seus habitantes muito cedo tenha desmentido essa hipótese. O nome Herzegovina, derivado de um governador que teve o título de “erzeg”, foi acrescentado no século XV para a parte meridional do país.

Quanto tenha sido atribulada a história deste país demonstra-o o facto de um pequeno território, a atual faixa central da BeE, num dado momento histórico, se tenha estendido a ponto de atingir 80.000 quilómetros quadrados, quase o dobro do que é hoje. Segundo o recenseamento de 1991, ou seja, antes da última guerra, viviam na BeE 4.377.033 habitantes. Os resultados preliminares do recenseamento do passado mês de outubro falam de 3.791.662 habitantes. É, portanto, um país pequeno em território e número de habitantes, mas grande e complexo pelos seus problemas, que, por vezes, parecem não ter solução. E isso não vem de ontem!

Encontrando-se na zona que, desde os tempos do Império Romano divide e contrapõe mundos cada vez mais diferentes, a BeE vive há já quinze séculos uma história atormentada. Recordo que a linha que dividia o Império Romano em dois era o rio Drina. Essa linha que, antes de mais, dividiu o mundo dos povos eslavos, deixou marcas profundas também no sentido da sua pertença cultural e religiosa. Devido às constantes guerras entre os “grandes”, causadas pela tendência de deslocar a mágica linha divisória em vantagem ora de um ora de outro, na BeE instalou-se um estilo de vida social e religiosa muito especial e ainda não completamente definido. Refiro-me a uma espécie de seita, os chamados *crístãos bosníacos*, um modo autónomo e autóctone com tendência a organizar a vida eclesial à margem de Roma e de Constantinopla e, politicamente, dos seus aliados políticos. As pretensões políticas, sobretudo as do reino húngaro, autorizadas por Roma, estigmatizaram e

enfraqueceram o reino bosniaco a ponto de torná-lo preda fácil para o avanço dos otomanos.

Desde esse tempo (1463), a BeE, do ponto de vista social, cultural e religioso, vive à margem da Europa. Nos 420 anos de ocupação otomana, criou-se uma sociedade não só interétnica e inter-religiosa, mas distinta também no modo de viver e de se aceitar reciprocamente como “mestiça”. A convivência, porém, fruto do desejo e necessidade de sobreviver, nunca se fez sem tensões e conflitos, sem graves percas e sofrimentos. Como imagem evocativa, baste recordar que, durante o período otomano, o número dos católicos baixou de cerca de 88% do total da população para 18.08% (Vukšić e Mandić). Durante os 50 anos de comunismo, acrescentou-se uma outra dimensão a esta convivência de diversos: a aparentemente neutralidade e vazio de sentido ético e religioso.

O peso das injustiças e das memórias históricas, pouco esclarecidas e nunca purificadas; as diferenças ideologicamente negadas e o esvaziamento moral criaram a convicção, talvez subconsciente mas muito difusa, de que a convivência entre diversos é um mal por, na realidade, acabar sempre em prejuízo de um ou mais grupos, normalmente os mais fracos. Essas forças incôscias e obscuras tentaram sempre promover-se por ocasião de tensões e conflitos, condições para lhes são sempre favoráveis. Eis porque cada conflito armado, desde a ocupação austro-húngaro até à última guerra da década de noventa, dividiu a nossa sociedade, pelo menos, em duas partes contrapostas. Todas as nossas guerras, que, na realidade por várias razões, não eram nossas, foram guerras civis e de extermínio, porque feitas entre povos irmãos. O Estado em que hoje se encontra a BeE, fruto de uma divisão territorial injusta, é demasiado artificial do ponto de vista político e, de consequência, de todos os outros pontos de vista. À pesada bagagem das velhas injustiças e desconfianças somaram-se as novas. Uma guerra horrível, causada pelo imperialismo de marca comunista e perpetrada com o ardor dos ressentimentos históricos da pobre gente, terminou numa paz impossível de se viver, porque inspirada e imposta, também desta vez para satisfazer interesses que nada têm a ver com o bem dos habitantes da BeE. O resultado é que, vinte anos após a guerra, a BeE, para muitos, tornou-se uma sociedade moribunda e um país sem perspectiva, donde foge quem pode.

2. A situação da Igreja

A Igreja na Bósnia-Herzegovina vive, há 25 anos, entre a esperança e o medo. A sua esperança vai buscá-la à fé, pois tudo o que aconteceu, não só nas últimas décadas, mas nos últimos séculos, teria escrito o seu epitáfio, se a sua vida não fosse mantida pela vontade divina. Baste só recordar o facto de que, em cinco séculos, o número de católicos nesta terra reduziu-se de cerca de 90% para 18%, e que, na última guerra, o que restou reduziu-se a metade. Não obstante isso, permanece sempre a ansiosa pergunta: até quando seremos dignos dessa mão protetora? Até quando seremos capazes de acreditar nas realidades e valores, sem os quais nem o próprio Deus pode fazer viver um povo e a sua Igreja, incarnada nesse povo?

A Igreja na Bósnia-Herzegovina, depois do restabelecimento da jerarquia ordinária, há cerca de 130 anos, passou por acontecimentos agitados, longos períodos de lenta recuperação e breves períodos de florescência. Só podia sobreviver aos quatrocentos anos de perseguição otomana uma Igreja de profundas raízes cristãs, assistida pelo grande empenho dos padres franciscanos, nascidos e nutridos pela fé do próprio povo. As duas guerras mundiais e os duros pós-guerra, sobretudo o comunista, deixaram marcas do novo martírio. Apesar de tudo ou precisamente por tudo isso, esta Igreja manteve-se rica da fé e fidelidade da sua gente. A percentagem dos que frequentavam a Missa dominical e recebiam os sacramentos era muito alta. Nas aldeias, quase cem por cento. A força das associações eclesiais, no período entre as duas guerras, nomeadamente a Ação Católica, e a inextinguível riqueza das vocações espirituais que durou até há poucos anos, eram a prova da sua vitalidade.

A última guerra-genocídio, com a chamada “limpeza étnica”, teve consequências desastrosas. Dos 740.726 católicos que se declararam como tais durante o comunismo (1991), hoje são 432.177, diminuindo cada ano cerca de 2.000 (*Secretariado da Conferência Episcopal, Ofício de Estatística*). Os católicos expulsos das próprias casas foram 67%. Em quatro dioceses, foram completamente destruídos 269 edifícios de culto, gravemente danificados 313 e danificados 418; ao todo, 1000! (*A Igreja crucificada na Bósnia-Herzegovina, 1997*). Não obstante tudo e encorajada pelas mensagens do Santo Padre, a Igreja na Bósnia-Herzegovina procurou fazer frente ao mal e à destruição. Com numerosíssimos apelos, procurava condenar os crimes e encorajar as tentativas positivas. Ajudada pelas Igrejas da Europa, através

da ação das suas instituições humanitárias, procurou tornar credíveis as suas palavras.

O crédito alcançado durante a guerra veio na maior parte a perder-se por motivos vários e ainda não esclarecidos. A solução política, a maneira de implementar a paz da parte dos representantes da comunidade internacional, a intolerância de fundo e a situação económica produziram nos católicos um sentimento de desconfiança e de receio pelo futuro. O desemprego (47,3%), os trabalhadores sem salário (39,3%), a pobreza crescente (56,1% sem o necessário para viver, 33,3% das famílias tem de viver com 150 € por mês, os trabalhadores “em lista de espera” recebem 20 € por mês, 93% dos cidadãos pensa não poder sobreviver economicamente na BeE) e a situação atual não prometem nada de bom (42,2% teme uma nova guerra), desencoraja os prófugos de regressar e leva os jovens a emigrar (68% deseja abandonar a BeE). Dizendo isto, explico também os motivos ulteriores do fraco retorno dos católicos. Todavia, os sacerdotes diocesanos e religiosos são 548 e as religiosas 534.

A Igreja não pôde nem quis ficar a olhar para a situação política injusta, para as condições económicas desencorajadoras e para a pouca disponibilidade do povo a regressar. Nutrindo-se da esperança do Evangelho e da enorme coragem dos seus sacerdotes, regressou oficialmente a todas as paróquias onde ainda existem católicos. Por exemplo, na diocese de Sarajevo, há mais de quarenta paróquias com menos de cem católicos! E, apesar disso, todas têm o próprio pároco e, em quase todas, os edifícios do culto foram reconstruídos. Apenas em quatro paróquias não há a presença física dos sacerdotes e não se iniciou a reconstrução dos edifícios eclesiais. Esta e todas as suas atividades têm em vista a sobrevivência da Igreja, dando sinais da esperança.

Gostaria de sublinhar que tudo isto foi possível graças à solidariedade das Igrejas na Europa, através da intervenção das Conferências Episcopais, das Cáritas, Renovabis, Kirche in Not, Kindermissionswerk, das geminações entre as nossas paróquias destruídas e as dioceses e paróquias, mas também de algumas associações diocesanas e paroquiais e da Ação Católica italiana. Agradecemos todos os que estiveram e continuam a estar-nos próximos neste empenho constante de sobreviver como Igreja e como povo, estendendo a mão aos outros. Nestas últimas décadas, o Ocidente tem falado com muito entusiasmo de convivência, ecumenismo e diálogo. Por vezes, ficamos com a impressão de que se esquece que só os vivos podem conviver e os que

estão radicados na própria identidade podem dar o próprio contributo ao ecumenismo e ao tão necessário diálogo entre diversos. Não obstante a experiência que a amedronta, esta Igreja quer ser profundamente ecuménica e dialógica. Mas, para verdadeiramente poder sê-lo, tem que sobreviver. E isso só será possível, se os seus membros puderem viver com dignidade a sua identidade religiosa, nacional e cultural na Bósnia-Herzegovina. A meu ver, no nosso país já não é prioritária a pergunta como ajudar a fazer regressar os católicos que foram expulsos, mas como ajudar a permanecer os que ainda aqui se encontram. As consequências da política, quer a da comunidade internacional que não compreende, quer a interna que não quer a normalização da situação, não são encorajadoras. Assim, são de grande importância os sinais que a nossa Igreja, ajudada e encorajada pela Igreja universal, procura lançar. A nossa presença, importante, nesta frágil terra, só será possível com a ajuda da Igreja universal, especialmente a europeia! Estou, porém, cada vez mais convencido de que essa ajuda também deveria ser “política”. Não se percebe como e porquê os representantes dos países encarregados de implementar a paz na Bósnia-Herzegovina não consigam compreender que a solução política de Dayton não é justa. E não só. Sendo injusta, não consegue levar este país, injustamente dividido, a uma verdadeira paz. Em Dayton foi dado ao povo sérvio, que antes da guerra tinha 31% da população e 49% do território, dando a esta parte do país o nome de República Sérvia. A comunidade internacional investiu imenso na paz do nosso país, mas parece que inutilmente. Não obstante isso, os funcionários internacionais não querem mudar nada. Antes, são claramente contrários! Porquê? Muitos dizem que é por causa dos seus interesses, que nada têm a ver com a causa da justa paz e com os interesses do povo deste país.

Constrangidos a partilhar o resto do país (51%) com os bosníacos muçulmanos, entre os quais são uma pequena minoria (cerca de 25%), os croatas católicos sentem-se enganados e incapazes de proteger os seus direitos fundamentais. É esse o motivo por que não regressam, e os que ficaram não veem futuro para si nesta terra. Ao mesmo tempo, a solução política imposta converteu-se numa ameaça fundamental para a sobrevivência da Igreja Católica neste país, onde, há séculos, sofre um verdadeiro martírio. Pergunto-me, diante de vós, se não seria triste que, no coração da Europa, os católicos, por causa da política “ocidental” ainda venham a sofrer um outro “caso Líbano”?

O que se pode ou poderia fazer? No próximo ano decorrem vinte anos dos acordos de Dayton. Neste ano, por sua vez, decorrem cem anos do atentado

de Sarajevo e do início da primeira Guerra Mundial. Há já alguns meses que muitos políticos, partidos e parlamentares europeus discutem sobre a necessidade de rever essa solução imposta. Estão todos de acordo que o nosso país, tão dividido, nunca será capaz de viver e fazer parte da União Europeia. Parece-me que seria oportuno aproveitar a ocasião para levar os políticos europeus com influência sobre o Presidente americano a fazer-lhe compreender que precisa reorganizar a Bósnia-Herzegovina, abolindo as duas “entidades”: República Sérvia e Federação muçulmano-croata. O nosso país deve garantir os direitos dos cidadãos e proteger os dos diversos povos. Para mim, não é impossível, como muitos costumam dizer. A sua verdadeira ameaça é a divisão étnica de três povos em duas “entidades”. Para fazê-la funcionar e de forma mais democrática, a Bósnia-Herzegovina deveria ser um Estado normal, dividido em regiões e municípios. As regiões que não pudessem ser divididas segundo o princípio étnico, garantiriam a identidade étnica, cultural e religiosa dos diversos povos, introduzindo a paridade a nível estatal, o princípio de um povo não poder decidir em matéria alguma contra os dois outros povos a nível regional e o funcionamento dos municípios segundo os votos obtidos nas eleições. Os católicos, apesar do facto de serem uma pequena minoria, não temem um sistema político “laico”, mas que seja justo e democrático. Ao contrário, desejam-no. Penso que a Europa, talvez também a convite da CCEE, poderia e deveria lançar uma iniciativa para conseguir a paz na Bósnia-Herzegovina e nos Balcãs, de que, em certo sentido, depende a segurança da Europa de amanhã e do futuro! Não posso nem quero concluir estas linhas desordenadas sobre a situação da Igreja Católica na BeE com o ditado “disse e salvo a minha alma”, porque estou plenamente convencido de que salva-se a alma fazendo e não dizendo!

3. As Escolas para a Europa – finalidade e currículo

As circunstâncias em que se formou a cidadania multiétnica, multicultural e multirreligiosa na BeE são muito diferentes das de muitos países europeus. Para nós, não se trata de imigrados recentes, mas de gente que, há séculos, vive junta, mas pertencendo a diversas etnias, culturas e religiões. Daí que não se possa falar de estrangeiros, mas de gente, na sua maioria, pertencente ao mesmo ceppo eslavo. As injustiças seculares, porém, e os crimes das guerras, sobretudo da última, cavaram os abismos da intolerância e, não raramente, de um verdadeiro ódio recíproco. Durante a guerra dos anos noventa, mais uma vez a Igreja, como referido, foi posta a uma prova de sobrevivência, também porque muitos pais católicos, pela intolerância praticada

nas escolas públicas, procuraram emigrar para o estrangeiro. As escolas católicas tornaram-se então sobretudo uma garantia de sobrevivência da Igreja. Basta dizer que um aluno de uma nossa escola de Sarajevo foi morto à facada muitos anos depois da guerra. O processo foi arquivado com a declaração de ter sido vítima da delinquência insensata e sem nenhum motivo. Tenho as minhas dúvidas e temores.

A Igreja é chamada a servir a causa humana, porque, só assim, põe em prática o Evangelho. A paz na Bósnia-Herzegovina sempre se construiu, e cada vez mais se constrói, como pressuposto de todas as causas humanas. Estou profundamente convencido de que o futuro da paz não será possível sem a capacidade e disponibilidade dos diversos povos, culturas e religiões para viver juntos, respeitando-se mutuamente. Servir a paz na Bósnia-Herzegovina coincide com a disponibilidade e capacidade de ajudar o povo a viver e a deixar viver em paz. Pareceu-nos que poderíamos servir os cidadãos, os povos e também a sobrevivência da Igreja, ajudando os jovens a compreender e a aceitar a tolerância e a convivência como valores, pelos quais vale a pena empenhar-se. As novas gerações podem ser educadas ao espírito da convivência, através de escolas, em que possam ver exemplos concretos e experimentá-los.

Assim, por duas razões as *Escolas para a Europa* foram ideadas e fundadas durante a guerra como interétnicas e inter-religiosas. A primeira razão é a sobrevivência da própria Igreja Católica e do povo croata na Bósnia-Herzegovina, e a segunda é a promoção da paz e da integração através da educação à convivência pacífica, num país dilacerado pelos conflitos e num mundo cada vez mais conflituoso, por causa das injustiças que são camufladas pelas diferenças.

O programa escolástico das escolas que fazem parte do sistema das *Escolas para a Europa*, fundadas durante a guerra na Bósnia-Herzegovina, tende a sublinhar, antes e acima de tudo, a importância da educação. Todas as disciplinas são concebidas em ordem aos valores fundamentais, que, em última análise, são comuns às grandes religiões. Em vinte anos, elaborámos o nosso sistema escolástico, caracterizado por algumas matérias privilegiadas, como a história das religiões, a ética, a educação à democracia, a ecologia, as línguas clássicas e modernas, a informática.

O ensino da religião tem um lugar privilegiado nesse programa, o que resulta do facto de todos os alunos serem obrigados a receber o ensino da história das religiões, que mira a fazer compreender o papel positivo da

crença humana no além e do contributo da religião na história da humanidade. Deixando aos pais e aos alunos das escolas superiores a liberdade de escolher entre ensino da religião católica, ortodoxa e islâmica, por um lado, e da ética, por outro, as nossas escolas não promovem o sincretismo, mas põem em prática a regra e mandamento de ouro: a paz e a convivência são uma ilusão se não forem apoiadas e alimentadas pelo respeito da identidade de cada pessoa, que é o fundamento dos direitos do homem. Amar o outro como a si mesmo significa mover-se por primeiro, reconhecendo tudo o que significa a identidade do outro. Vejo nisto o ponto mais profundo da catolicidade das nossas escolas. Jesus Cristo ensinou-nos e autorizou-nos a conquistar só pelo amor. A catolicidade das nossas escolas consiste em testemunhar o Evangelho através do amor cristão dos nossos docentes e dirigentes. O modo e atitude com que nos relacionamos com os nossos alunos abre ao vastíssimo campo de dar testemunho de Jesus Cristo e da sua Igreja. Para mim, é um autêntico e precioso fenómeno o facto de, por exemplo, um jovem muçulmano, cujos pais e familiares foram exterminados por cristãos em Srebrenica, e preferido, entre tantas escolas públicas em Tulza, a nossa, tonando-se o melhor aluno do ano escolástico. E leia-se este episódio no contexto que foi explicado aos muçulmanos de Srebrenica, o de que foram exterminados (cerca de 7.000 em poucos dias) pelos cristãos unicamente por serem muçulmanos. E há também o facto de pais intelectuais, não batizados e agnósticos, de etnia mista, decidirem batizar os seus filhos depois de fazê-los frequentar, por diversos anos, a nossa escola.

Conclusão

Em vez de concluir uma reflexão que, logicamente, nem sequer se pode concluir, pergunto-me se pode haver uma perspetiva e qual? É uma pergunta que se faz cada vez mais, e de várias partes, inclusive do vértice da União Europeia. Certamente que haveria uma solução! Mas, sendo a BeE, como procurei mostrar, um país especial, diferente dos outros, necessitaria também de um tratamento especial. E esse tratamento pede, antes de mais, uma mudança radical da mentalidade do nosso povo. A mentalidade, infeliz ou felizmente, não se muda de hoje para amanhã. Os velhos inimigos não se tornam amigos espontaneamente ou por acaso. É preciso um empenho sério e duradouro, o que significa uma verdadeira conversão humana, ou seja, uma mudança do modo de pensar e, sobretudo de sentir. Daí que seja necessário um sincero empenho, comum e sincronizado, da cultura e da religião, isto é, das instituições civis não governativas e das Igrejas e comunidades religiosas.

Além disso, há que educar as novas gerações a viver com outro espírito. Para nós, cristãos, significa o espírito do Evangelho, que, no encontro com os que pertencem a outras religiões ou convicções, significa cultura do respeito e da colaboração para o bem comum. Tal cultura não será possível sem o reconhecimento recíproco. Temo que seja precisamente isso o que falta às Igrejas e religiões! No nosso íntimo, não nos consideramos como filhos de um único Deus. Lamento muito ter de dizê-lo, mas sinto em todas as boas e louváveis tentativas do ecumenismo e do diálogo inter-religioso esta incapacidade de nos tratarmos como irmãos e amigos. Se para todo o mundo já vale a constatação de que, sem a paz entre as religiões, não pode haver paz entre os povos, isso vale ainda mais para a BeE

Se o mundo da escola conseguir encontrar a forma de comunicar os verdadeiros valores às novas gerações, levando-as a aprender a ter estima do homem e da sua identidade, este nosso mundo encontrará o caminho da paz. As escolas católicas ainda são o lugar onde a Igreja tem a oportunidade de propor Jesus como modelo e salvador do homem às novas gerações. O facto de o número de alunos que frequentam as *Escolas para a Europa* ter mais que decuplicado em vinte anos mostra como são grandes o interesse e participação. A Igreja Católica, a meu ver, não deve ter medo de promover a pessoa humana e os autênticos direitos humanos. Antes, deve promovê-los, quando e onde puder, pois são a única perspectiva para o mundo em que vivemos. E são também as bases mais seguras onde assentar hoje o anúncio do Evangelho. As escolas católicas são um instrumento desse anúncio, a que penso não ser lícito renunciar, sobretudo se encontrarem a forma de alargar o seu serviço também para além das próprias *competências canónicas*, para servir a genuína causa humana, que coincide sempre com a causa do Reino de Deus.

Questões e desafios da formação dos docentes: formar atores da missão educativa em nome do Evangelho

FRANÇOIS MOOG (*)

O recrutamento e formação dos docentes é, mais do que nunca, uma questão importante para o futuro dos jovens dos nossos países, bem como para o futuro da Igreja. A escola católica deve fazer dela uma prioridade, para bem dos próprios docentes, mas também dos alunos e das comunidades educativas. Sois os primeiros a ter consciência disso.

Uma questão muito difícil

Pensar na formação cristã e espiritual dos docentes, como o tema deste Congresso o propõe, é difícil; muito difícil mesmo, se seriamente se quiser ter na devida conta o facto de haver docentes, para quem a fé cristã e a vida espiritual são algo de totalmente alheio à sua vida.

Parece-me todavia importante não catalogar apressadamente os docentes, distinguindo, na comunidade educativa, os que partilham a fé católica e os que não a partilham, ou seja, não têm familiaridade alguma com a fé ou não nutrem por ela nenhuma simpatia. É verdade que a formação cristã e espiritual dos docentes católicos, que consideram o seu trabalho como dimensão da sua vocação batismal, pode ser pensada em termos de catequese no quadro dos

(*) Doutor em teologia (Ph.D., S.T.D.), professor da Faculdade de teologia do Instituto Católico de Paris, onde ensina eclesiologia e teologia pastoral. É Decano da Faculdade de educação do Instituto Católico de Paris. Suas últimas obras são *A quoi sert l'école catholique – Sa mission d'évangélisation dans la société actuelle* (Bayard, 2012) e *La catéchèse au service de la nouvelle évangélisation* (DDB, 2013).

Questões e desafios da formação dos docentes: formar atores da missão...

princípios de iniciação indicados no *Diretório Geral para a Catequese* e nos diretórios nacionais de catequese, publicados em muitos países europeus. Mas como falar de formação cristã e espiritual a pessoas não crentes?

Penso que o único modo seja considerar em primeiro lugar a sua pertença a uma comunidade, que se pode, com toda a razão, qualificar de “cristã”, como claramente propõe a Congregação para a Educação Católica, quando afirma que a comunidade educativa é um “sujeito eclesial autêntico”.¹ E parece-me importante fazê-lo, porque é mesmo todos os docentes que precisa formar e é com todos, inclusive os não cristãos, que se tem de realizar a missão educativa da escola católica. Assim, para pensar nessa formação com o máximo proveito, peço-vos para resistir à tentação do individualismo. Devemos, antes de mais, sentir-nos convidados a considerar que o sujeito da ação educativa da Igreja não é uma pessoa ou um conjunto de pessoas, mas uma comunidade.

Do indivíduo à comunidade

Assim, é a comunidade que é o sujeito da ação educativa eclesial. Semelhante perspetiva tem, para a nossa questão, três vantagens:

- por um lado, permite reafirmar que ensinar na escola católica é responder a um apelo da Igreja; um apelo que esta faz largamente a batizados, a homens e mulheres de boa vontade; apelo a participar na missão educativa que a Igreja recebe de Cristo. É o que diz o *Estatuto do Ensino católico em França*, no artigo 33: “Para bem desempenhar a sua missão educativa no seguimento de Cristo, a Igreja faz apelo a todos os homens e mulheres de boa vontade. Pede-lhes que se ponham ao serviço dessa obra comum. Cada um, no âmbito da escola católica, participa dessa missão com contributos múltiplos e complementares...”.
- A segunda vantagem desta posição de partida é estar bem definido o objetivo da formação: não se trata unicamente de formar docentes, os melhores possíveis; trata-se de formá-los a ser membros dessa comunidade educativa, que a Igreja quer para as suas escolas.

¹ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Dimensão religiosa da educação na Escola Católica* (1988), n. 33.

- Por fim, esta perspectiva tem a vantagem de considerar a própria comunidade como lugar e sujeito da formação dos docentes, podendo ela, com todo o direito, ser qualificada de “sujeito eclesial autêntico”, como lugar e sujeito da formação dos docentes. Torna-se um ambiente formador para os docentes e para o conjunto dos membros que a compõem.

Assim, incluir a comunidade educativa no processo de formação dos docentes permite assegurar a maior coerência possível entre a ação educativa de cada um e o projeto da escola católica.

Posto com clareza este ponto de partida, podemos ilustrar agora o que pode ser a formação dos atores da missão educativa em nome do Evangelho. Fá-lo-emos do ponto de vista do não crente, que pertence a uma comunidade eclesial, e em três etapas concêntricas.

1. Uma formação que promova uma ética do ato educativo

A primeira etapa situa-nos logo no coração da reputação social da escola católica. Pelo menos em França, mas penso que o mesmo aconteça no resto da Europa e no mundo, a escola católica é atrativa por ter a reputação de cuidar dos alunos, acompanhá-los de uma forma especial, uma forma que respeita os percursos de cada um e que é frutuosa para todos. É legítimo pensar que esse é também um motivo importante, que leva alguns docentes a optar pela escola católica. Daí que considere importante começar pelo que constitui essa peculiaridade da escola católica: a sua ética educativa, que a leva, assim, a promover uma formação que prepara nesse sentido.

Uma formação profissional de alta qualidade

Uma formação que promove uma ética do ato educativo é, antes de mais, uma formação que prepara para enfrentar os desafios educativos do tempo presente. É uma formação, que dota os docentes e os futuros docentes de instrumentos pedagógicos, didáticos e educativos; uma formação que apoia o desenvolvimento dos conhecimentos e a atualização dos métodos, como muito claramente dizia em 2007 a Congregação para a Educação Católica no *Educar juntos na escola católica* (n. 20). Esse texto descreve, nos nn. 21-25, os contornos da formação dos educadores e docentes na escola católica.

O documento não se fica, porém, nesse primeiro aspeto da aquisição de competências profissionais, mesmo reconhecendo a sua importância decisiva, inclusive para a dimensão católica da instituição escolar. Uma má qualidade de ensino acabaria necessariamente por se repercutir na missão da formação integral da pessoa humana, tão cara à Igreja.

Segue um segundo aspeto da formação: situar as competências “culturais, psicológicas e pedagógicas” (n. 22) numa formação mais vasta, que “leva às relações humanas”. O objetivo é que os educadores e docentes possam ser para os alunos e suas famílias interlocutores; daí que o documento afirme que o educador e docente deveria ser “acolhedor e capaz de motivar os jovens para uma formação completa, suscitar e orientar o melhor das suas energias em ordem a uma real construção da pessoa e a uma abordagem positiva da vida, e ser testemunha séria e credível da responsabilidade e da esperança”. Além das competências profissionais, trata-se, portanto, de formar para as competências relacionais, nomeadamente humanas, que, na escola católica, definem a importância da disponibilidade das pessoas e de como estas são chamadas a dar atenção aos outros; uma atenção que testemunha sempre uma esperança, uma atenção que se preocupa com a justiça, uma atenção que aprendeu a discernir e que apela para a liberdade.

Uma “formação do coração”

Essas disposições, a que são convidados os docentes das escolas católicas, delineiam o que o documento de 2007 chama “formação do coração” (25). Introduzem-nos num terreno menos definido que o da formação profissional. Por isso, chamei-lhe formação à ética educativa, para definir esse terreno. E fi-lo porque não se trata de dizer algo, não importa o quê, deixando-se encher de bons sentimentos ou ideologias. Bons sentimentos e ideologias correriam, de facto, o risco de criar tensões nas comunidades educativas, mais do que laços e coesão. Para definir o terreno, é importante ter posto esta nossa atenção de base: a comunidade educativa é, ao mesmo tempo, o sujeito a formar e o lugar natural da formação para essa ética educativa. É o tomar em consideração a comunidade educativa que permite passar à segunda etapa da formação dos docentes das escolas católicas: uma formação que promova uma cultura do Evangelho.

2. Uma formação que promova uma cultura do Evangelho

Esta segunda etapa é absolutamente necessária. O documento de 2007, *Educar juntos na escola católica*, apresenta em filigrana a sua razão profunda. Desenvolver uma sensibilidade particular à pessoa, para fazê-la crescer em humanidade, é uma ideia generosa, mas que exige que se definam os fundamentos dessa atenção à pessoa. O documento estabelece então claramente que essa abertura de espírito ao outro e essa especial sensibilidade em relação à pessoa a educar, que qualificam o coração da missão educativa na escola católica, são na realidade “uma consequência derivada da fé, que se torna operante no amor (cf. Ga 5,6)”, porque, diz o livro da Sabedoria (6,17), “o cuidado de instruir é amor”.

Compreender o seu ambiente

O que está em causa nesta formação que promove uma cultura do Evangelho é, nomeadamente para os docentes que não comungam a fé cristã e para aqueles em quem não se pode pressupor um conhecimento da tradição cristã, dar-lhes as chaves de compreensão do ambiente em que trabalham. É, de facto, importante dar-lhes os meios para compreenderem o contexto onde são chamados a aperfeiçoar-se e a compreender a missão em que aceitaram participar.

Essa missão deve ser apresentada como um pôr em prática o Evangelho. A formação deve, portanto, permitir apresentar os fundamentos da ação educativa, tal como deve ser pensada, realizada e avaliada na escola católica, qualquer que seja o estatuto eclesial de cada membro da comunidade educativa. Com isso, aproximamo-nos do ensinamento de Pedro em casa de Cornélio, que começou por apresentar Jesus, dizendo que Ele “passou fazendo o bem” (*Atos 10,38*). Pois trata-se de apresentar Cristo como o fundamento e a norma da missão educativa realizada na escola católica,² e dizer que o bem que queremos fazer, fazemo-lo no seguimento de Cristo, pondo em prática o ensinamento que Ele nos deu e usando os meios que nos deu para viver e nos pediu para transmitir.

² Cf. “Cristo é que é o fundamento do projeto educativo da escola católica”: CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *A escola católica* (1977), n. 34.

Uma tal formação, chamada a promover uma cultura do Evangelho, não se pode contentar com dar chaves de compreensão, dando informações, mesmo se as mais pertinentes e as mais inteligentemente apresentadas. Uma tal formação deve permitir a aquisição de uma autêntica cultura geral cristã. Deve permitir a todos os atores das escolas católicas compreender e, de certo modo, falar a “linguagem do Evangelho”.

Dos valores humanistas às virtudes cristãs

Esta aprendizagem é mais exigente do que poderia parecer, pois não admite, tal como o Evangelho, descer a compromissos. É por isso que uma tal formação à cultura evangélica não se pode contentar com um discurso sobre valores ou princípios, mais ou menos negociáveis. Para a escola católica, a atenção ao outro não é negociável nem se funda sobre valores, mas sobre o amor. Não é, portanto, uma atuação de princípios humanistas, mas a prática das virtudes evangélicas. Uma não é totalmente estranha à outra, mas não se podem simplesmente confundir.

Houve, há cinco anos, um debate em França, um debate apaixonante entre o filósofo Luc Ferry, antigo ministro da educação nacional, e o teólogo Henri-Jérôme Gagey, antigo Decano da Faculdade de Teologia do Instituto Católico de Paris. Foi um debate precisamente sobre os valores humanistas.

O projeto de Luc Ferry era apresentar um humanismo, capaz de “dar um futuro aos valores cristãos essenciais”.³ Pretendia, porém, fazê-lo à margem do cristianismo como tal. A perspectiva era sedutora, porque parecia ir buscar o melhor do cristianismo, sem ter de assumir o peso do seu aparato dogmático e institucional, para fazer dele uma sabedoria portadora de valores acessíveis e proveitosos para os nossos contemporâneos: a liberdade, o empenho, o respeito... Ali se encontra o que poderiam ser valores facilmente partilháveis no seio de uma comunidade educativa, uma vez que nesta, melhor do que alhures, esses valores permitem realizar um acordo comum na diversidade do empenhamento religioso. Será, de facto, necessário ser cristão para ser respeitador, atento ao outro, generoso nos seus empenhos? Não seria isso suficiente?

³ Cf. Henri-Jérôme GAGEY, *La vérité s'accomplit*, Paris, Bayard, col. *Theologia*, 2009, p. 168. Sobre este debate, ver a nossa apresentação em *A quoi sert l'école catholique – Sa mission d'évangélisation dans la société actuelle*, Paris, Bayard, 2012, pp. 93ss.

A resposta que Gagey deu a Ferry é para nós esclarecedora. Para Gagey, a proposta de Ferry é uma “laicização dos valores tradicionais do cristianismo”,⁴ e assemelha-se a uma “apropriação de herança”,⁵ porque uma cultura formada pelo cristianismo, que reconhece a origem cristã da ideia do homem e dos seus valores, não é por si uma expressão da fé cristã como tal. O postulado, segundo o qual seria possível viver valores nascidos do cristianismo, mas à margem da tradição cristã e da instituição eclesial, deve ser criticada. Será possível ir buscar valores ao cristianismo, desfazendo-se do próprio cristianismo? Diz Gagey que “não há dúvida que ‘valores’ essenciais do cristianismo foram herdados e fazem parte do ar que se respira, mas estão para ser ‘reconfigurados’ numa ‘formação espiritual autónoma’ que se distancia e se põe numa certa contrariedade com a forma de vida e o ardor espiritual com que Jesus Cristo os praticava”.⁶ O critério decisivo é posto aqui muito claramente na pessoa de Cristo.

Para Gagey, reduzir o Evangelho a um humanismo moral, é aceitar o declínio do cristianismo e pregar o oposto exato da evangelização: sem a tradição e sem a Igreja, os valores do humanismo laico são cortados da sua fonte. Como diz Gagey: “Que outrem seja meu irmão ou minha irmã, em vez de uma vítima a abater ou de um rival a dominar, isso tem que me ser ‘anunciado’ ou então ‘mandado’. É aliás por essa razão que o amor (...) é um mandamento”.⁷ Os valores de que fala o humanismo laico são, portanto e na verdade, virtudes que cairiam na esfera pública e que seriam como que desvitalizadas porque desevangalizadas. Haverá, por isso, que admitir a necessidade, por um lado, de uma tradição, que lembre a exigência evangélica do amor e, por outro, uma comunidade portadora dessa tradição, de modo que cada um se sinta levado ao amor.

Ir à fonte trinitária da missão educativa

A tentação de confundir valores humanistas e prática das virtudes evangélicas é um impasse para o ensino católico. A própria possibilidade de dar-se essa confusão é uma ilusão mantida pelo persistir de um resíduo evangélico na cultura. Mas há que ter em conta o carácter efetivo daquilo que

⁴ Henri-Jérôme GAGEY, *La vérité s'accomplit*, op. cit., p. 173.

⁵ *Ibid.*, p. 185.

⁶ *Ibid.*, p. 189.

⁷ *Ibid.*, p. 234

a socióloga Daniela Hervieu Léger chama “ex-culturação do catolicismo” na sociedade atual,⁸ e admitir que essa proposta leva-nos a olhar para o passado e não para o futuro; para o passado, porque esses valores desaparecerão como valores comuns, se ficarem demasiado tempo desligados da sua fonte, que é o amor expresso na Cruz do Ressuscitado. Os valores humanistas são como frutos do Evangelho, que perdem o seu sabor e se estragam, quando separados da árvore. Para dizê-lo de outra forma, não há valores possíveis desligados de Cristo e do dom que Ele nos fez do seu amor, no Espírito, em nome do Pai. Nesse sentido, a referência ao Evangelho como mensagem vivida é vital para a escola católica e para a vida dos estabelecimentos como comunidades educativas, como é vital a realização da missão eclesial.

3. Uma formação que promova uma inteligência da fé cristã

É um debate absolutamente decisivo para o presente e o futuro da escola católica nos países atingidos pela secularização e descristianização. É-o igualmente para a questão da formação dos docentes das nossas instituições escolares. De facto, em nome desse debate, não se trata apenas de uma formação a uma ética educativa, nem apenas de uma formação à cultura do Evangelho, mas, muito mais fundamentalmente, de uma formação à inteligência da fé.

É o que claramente propõe o n. 26 do documento da Congregação para a Educação Católica, *Educar juntos na escola católica*. Fala-se aí de uma formação que “ajuda a articular melhor a inteligência da fé com a tarefa profissional e o agir cristão.” E o documento, na mesma linha, indica os fundamentos dessa formação: “a palavra salvífica de Deus na Sagrada Escritura e na Tradição, sobretudo litúrgica e sacramental, esclarecidas pelo Magistério da Igreja”.

Toca-se aí no coração da missão educativa, que a Igreja recebe de Cristo. Permite afirmar que, para a Igreja, educar não é uma opção. Não. A escola católica não é uma opção; é a realização da missão educativa, que pertence plenamente à missão da Igreja. Para compreendê-lo, há que passar da escola católica como figura social da caridade para a escola católica vista como

⁸ Danièle HERVIEU-LEGER, *Catholicisme. La fin d'un monde*, Paris, Bayard, 2003, p. 306.

estando no coração da ágape evangélica. Temos de repetir constantemente o que Bento XVI nos recordou na *Spe salvi* e que o Papa Francisco não viria negar: “o Evangelho não é apenas uma comunicação de elementos que se podem conhecer, mas uma comunicação que produz factos e muda a vida” (*Spe salvi*, n. 2).

Esta terceira etapa na formação dos docentes permite, por um lado, recordar que, para a Igreja de Cristo, servir o homem é um ato de evangelização e, por outro, mostrar como o serviço necessita de um uso, sempre renovado, das mediações objetivas da fé.

Uma evangelização ao serviço do homem

Muito rapidamente, porque tenho o tempo contado, para lembrar que servir o homem é um ato de evangelização, pode bastar o paralelismo de três textos.

Antes de mais, a *Gaudium et spes*, n. 9 § 3, que descreve as aspirações mais profundas do homem e a sua “sede de uma vida plena e livre, de uma vida digna do homem”; um texto que será interpretado no diretório francês das escolas católicas como um apelo dirigido à Igreja para assumir a sua responsabilidade educativa: “A educação corresponde à vocação pessoal e social dos homens, permitindo-lhes crescer no amor e na verdade e, assim, terem acesso a ‘uma vida plena e livre, digna do homem’ (GS 9 § 3)” (*Estatuto do ensino católico em França*, art. 2).

O segundo texto também é tirado da *Gaudium et spes*, número 40 § 3, que descreve a responsabilidade social da Igreja: “A Igreja, ao procurar o seu fim próprio de salvação, não só comunica ao homem a vida divina, mas também projeta, de certo modo, sobre todo o universo, o reflexo da sua luz, sobretudo sanando e elevando a dignidade da pessoa humana, firmando a coesão da sociedade e dando à atividade diária dos homens um sentido e um significado mais profundos. Desta forma, a Igreja, através dos seus membros e da comunidade que é, crê que pode contribuir muito para tornar cada vez mais humana a família dos homens e a sua história”.

E devemos tomar esse trabalho de humanização como a finalidade última das nossas ações educativas.

Por fim, o terceiro texto é da autoria de quem promulgou a *Gaudium et spes* em virtude do seu cargo de Sumo Pontífice, Paulo VI. Na *Evangelii nuntiandi*, número 18, oferece-nos ele a conclusão deste rapidíssimo percurso: “evangelizar, para a Igreja, é levar a Boa Nova a todos os ambientes da humanidade e, pelo seu impacto, transformá-los a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade”.

Um uso das mediações objetivas da fé

Este servir o homem, no coração da missão da escola católica e, portanto, no coração da formação dos docentes, não vai, porém, por si, como vimos. Precisa de ser constantemente referido à sua fonte, que reside no amor de Deus. E isso não permite que nos refugiemos em discursos ou em etéreas ou híper-espiritualidades. Pois esta exigência última não dispensa ninguém da sua responsabilidade em relação ao dom de Deus.

Mas, se se trata de ter em conta o conjunto dos docentes na sua diversidade, é então à responsabilidade da comunidade educativa no seu conjunto que precisa recorrer. Sugiro-vos que tenhais em conta que essa responsabilidade reside na capacidade de uma comunidade educativa ser o lugar onde se usam as mediações objetivas da fé.

De que se trata? Trata-se de ter presente que a obra de evangelização, por ser obra de humanização, não se pode contentar de uma exposição autêntica dos conteúdos da fé, mas precisa de lugares, através dos quais a Igreja exprime “a experiência da fé viva que anima toda ela e fá-la viver”.⁹ Porque o Evangelho não é apenas um livro ou um discurso; é um dom que a Igreja não cessa de receber, anunciar, rezar e viver nas vidas humanas quotidianas e normais. É então precisamente no modo como a Igreja crê e vive a sua fé, que ela melhor anuncia aquilo em que crê, passando, como Cristo, a fazer o bem. Assim, como diz o teólogo François Bousquet, “aquilo em que a Igreja crê transparece no ato comunitário de crer da Igreja”.¹⁰

Aí reside a própria unidade da vida cristã, que o *Catecismo da Igreja Católica* articula ligando constantemente o ensino da fé e a maneira como a

⁹ Apresentação do projeto da coleção *Credo*, *op. cit.*, p. 12.

¹⁰ SERVIÇO NACIONAL DA CATEQUESE E DO CATECUMENATO, *Un appel à la première annonce dans les lieux de vie*, CRER, 2008, p. 55.

Igreja vive a sua fé, quando a anuncia, a reza, a celebra e a vive nas vidas dos homens responsáveis. Mais ainda, como observa Jean-Claude Reichert, de que me servi para esta exposição, “a Igreja ensina aquilo em que ela crê, mas, ao mesmo tempo, oferece o precioso tesouro do seu próprio ato de fé”.¹¹ Poder-se-ia então aplicar à escola católica a fórmula que Bento XVI deu aos padres do Vale d’Aosta, a 25 de julho de 2005: “Aí vê-se como a Igreja crê”. Não apenas o que crê, mas como crê.

Esta formação última e fundamental deve permitir ter em conta que não existe ensino objetivo da fé que não seja regado pela fé viva da Igreja e, do mesmo modo, não existe ação eclesial, inclusive a educativa, que não seja a expressão da fé da Igreja. Encontramo-nos aqui no coração da inteligência orgânica da fé, de uma fé sempre praticada. Uma tal organicidade apela para uma comunidade como sujeito da ação eclesial e como meio de alimentar a formação dos atores da missão educativa.

Esta formação da inteligência da fé cristã constitui então um duplo apelo, que convém articular. O primeiro é um apelo a participar na missão educativa da Igreja, largamente dirigido a crentes e a homens e mulheres de boa vontade. O segundo é mais preciso e empenhativo, porque nesse apelo a tomar parte na missão da Igreja, ressoa o apelo à santidade, também ele dirigido a todos. É o que dizia Bento XVI, dirigindo-se aos alunos das escolas católicas de Londres, a 17 de setembro de 2010: “A Escola Católica é uma escola que educa a pessoa na sua totalidade, ajuda os seus alunos a ser santos, encoraja os não católicos a crescer no conhecimento e amizade de Deus”.

Conclusão: uma formação que promova uma participação na missão educativa da Igreja

Em jeito de conclusão, podemos admitir a importância da comunidade educativa que, com o seu projeto e com a sua missão que a Igreja lhe confia, empenha efetivamente todos os seus membros numa ação em seguimento de Cristo servo.

¹¹ Cf. A apresentação do projeto da coleção *Credo* por Jean-Claude REICHERT em Jean-Louis SOULETIE et Marie-Laure ROCHETTE, *Jésus Christ, Fils de Dieu, Seigneur*, DDB/ISPC, col. *Credo*, 2011, p. 9.

Evocámos a formação dos docentes seguindo três eixos que formam, dissemo-lo, círculos concêntricos. Assim apresentado, o dispositivo dá plena validade ao recurso à comunidade como mediação e como sujeito eclesial. E deve-se apresentá-lo desse modo, isto é, não como um percurso linear, que iria das dimensões trivialmente mais antropológicas às disposições mais espirituais, mas como um dispositivo antropológicamente referencial, uma vez que é assumido por e fundado sobre um dispositivo evangélico exigente. Este dispositivo exige porém um acompanhamento, cujo sujeito deve ser a autoridade eclesial, que confia e reconhece a missão. Esse acompanhamento constitui o laço que cimenta o dispositivo, e sem o qual os eixos se tornariam independentes.

Tecnicamente, isso significa que é preciso formar conjuntamente (quer dizer, ao mesmo tempo e segundo os mesmos princípios) os docentes, os responsáveis, bem como as próprias comunidades educativas: uma formação segundo o triplo eixo da ética educativa, da cultura do Evangelho e da inteligência da fé. Neste quadro, o acompanhamento das pessoas e da comunidade é igualmente decisivo para assegurar a coesão da realização da missão e a máxima coerência entre a ação educativa de cada um e a missão confiada à comunidade.

Assim, falar de formação cristã e espiritual não põe em causa o vasto apelo da Igreja dirigido tanto a crentes como a não crentes, a católicos e a homens e mulheres de boa vontade, para participarem na missão eclesial. Isso, porém, requer que se pense num novo investimento apologético. Explico-me: no fim deste percurso, vê-se aparecer no dispositivo de formação a capacidade que a Igreja tem de propor abundantemente às sociedades e às culturas, a quem se dirige, bem como aos homens e mulheres que interpela, recursos específicos que ela incessantemente vai buscar ao Evangelho, uma vez que os ponha em prática na totalidade da sua vida. A questão, propriamente apologética, é então como tornar disponível esse património evangélico, torná-lo verdadeiramente disponível para fazer viver os nossos contemporâneos, iluminar-lhes a existência e permitir-lhes participar, à sua medida, no reino de Cristo.

O docente católico na escola pública, testemunha das bem-aventuranças

GIOVANNI PERRONE (*)

Terá ainda sentido falar da presença do docente católico na escola pública? Terá um educador de ser “incolor”, “sensabor”, “inodoro”, para respeitar a diversidade dos alunos e evitar toda a espécie de influência? Deverá saber ser instrutor assético ou educador motivado?

“A educação não pode ser neutra – observa o Papa Francisco – Ou é positiva ou é negativa; ou enriquece ou empobrece; ou faz crescer a pessoa ou a deprime; pode até corrompê-la”.¹ Como testemunhar a própria fé, no respeito do específico da finalidade da escola? Que significa para um católico trabalhar numa escola chamada “laica”? Estas e outras perguntas levantam hoje múltiplos debates e provocam respostas não raramente opostas.

No mundo, são várias e muitas vezes contraditórias as situações ligadas a fatores políticos, culturais, religiosos. Vão de formas exasperadas da chamada “laicidade” das instituições públicas a formas, também elas por vezes exasperadas, de condicionamento ou doutrinação. Emergem realidades, onde a laicidade é vivida (e por vezes imposta) como oposição a toda a expressão religiosa, privando os alunos das noções e aprendizagens necessárias a uma adequada leitura e compreensão da sociedade em que vive e do seu evoluir ao longo da história ou orientando-os para um vazio de valores e de cultura.

O problema não se circunscreve aos educadores católicos que trabalham em instituições públicas, mas estende-se também aos docentes católicos que trabalham em instituições católicas, onde, por vezes, a presença de não

(*) Secretário Geral UMEC – WUCT, Diretor escolar na escola estatal, diretor da AIMC – Associação Italiana dos Mestres Católicos.

¹ PAPA FRANCISCO, Alocução no encontro com a escola italiana, Roma, 10 de maio de 2014.

católicos é cada vez mais numerosa. Não raramente, os docentes católicos que trabalham nas escolas do Estado (ou em escolas não católicas) sentem-se isolados, constringidos a ter o máximo cuidado em não deixar transparecer a sua identidade e as suas opções de valores. As crónicas recentes fazem emergir, em vários países, situações de marginalização, e até de afastamento do ensino, de docentes, que, mesmo não praticando nenhum ato de proselitismo e apesar de serem considerados profissionais responsáveis e competentes, são “postos na rua” ou recebem ameaças. O recente 15º relatório anual da Comissão para a Liberdade Religiosa Internacional dos Estados Unidos (USCIFR) põe em luz a existência, em vários países, de perseguição e opressão, que são de obstáculo à liberdade religiosa.

É, infelizmente, notável a escalada de agressões, testemunhada pelos espantosos dados difundidos pela OCSE e pela Comissão Episcopal da União Europeia (COMECE). Segundo esta última, os cristãos perseguidos no mundo seriam cerca de 200 milhões. Em propósito, o Santo Padre várias vezes denunciou que hoje os cristãos são os mais perseguidos no mundo.

Os educadores católicos vítimas de vexames e violências, não são poucos. Nos próprios países do Ocidente, numerosos docentes católicos, que trabalham nas escolas públicas, são alvo de desconfiança e também de ações legais ou repressivas, por vezes a pretexto da chamada laicidade ou da religião ou ateísmo de Estado ou pela forte presença de outros credos religiosos.

Merecem agradecimento todos os docentes que trabalham nas várias partes do mundo. A sua presença foi e é um grande e indispensável recurso para a sociedade. É um dever manifestar-lhes total apreço pelo serviço que prestam e apoiá-los no seu trabalho. Ao mesmo tempo, há que esforçar-se por garantir a cada docente plena liberdade, liberdade de religião, liberdade de educação.² De facto, nem sempre é fácil para um docente católico testemunhar os valores em que acredita, mesmo no pleno respeito dos outros. A nossa gratidão estende-se a todos os educadores católicos, empenhados na realização do seu serviço em situações de dificuldade ou de perigo. É dever de toda a comunidade, local e internacional, apoiá-los na sua ação e dar pleno reconhecimento, inclusive económico, à benéfica obra realizada por todos os que trabalham nas instituições escolares com grande sentido do dever e com generoso e qualificado empenho.

² Cf. Declaração Universal dos Direitos do Homem.

A educação das jovens gerações é algo de sério! Não pode ser violentada pelo mais forte de turno! A presença de docentes bons e responsáveis é necessária para uma boa educação, capaz de pôr as bases de um futuro melhor, baseado no mútuo respeito, na cooperação, na promoção plena de cada pessoa.

A União Mundial dos Docentes Católicos muitas vezes se interroga em propósito, tendo ela a função de se tornar ponto de referência dos docentes católicos em serviço quer na escola católica quer na escola pública.

Não pretendo nem quero ser exaustivo ou dar receitas para os múltiplos e variados, mas também complexos e por vezes difíceis, contextos em que o docente católico é chamado a trabalhar, mantendo-se, ao mesmo tempo, bom católico e bom cidadão. Desejo partilhar algumas reflexões e possíveis pistas operativas, que poderão ser enriquecidas no debate. De facto, as repentinas e grandes mudanças do mundo e dos diversos países interrogam-nos e interpelam a responsabilidade dos educadores católicos para testemunharem “o belo, o bom e o verdadeiro”³ nas realidades em que trabalham, no respeito de cada pessoa, de cada instituição, de cada cultura. Somos chamados a ser testemunhas corajosas, visíveis e credíveis, de esperança e construtores ativos de um futuro melhor.

Educar: um serviço à pessoa, à sociedade, à Igreja

Os recentes discursos do Santo Padre, os dois últimos documentos da Congregação para a Educação Católica⁴ e as várias intervenções das Conferências Episcopais nacionais, ao fazer emergir as complexas problemáticas do educar, manifestam a preocupação da comunidade eclesial por alguns comportamentos, por vezes também persecutórios, em relação aos docentes católicos, e sugerem pistas operativas, convidando todos a tomar consciência das mesmas e a saber conjugar **prudência, responsabilidade, competência, visão**.

³ “A missão da escola é desenvolver o sentido do verdadeiro, o sentido do bem e o sentido do belo. E isto acontece através de um caminho rico, feito de tantos ‘ingredientes’. Eis porque há tantas disciplinas! Porque o desenvolvimento é fruto de diversos elementos, que agem juntos e estimulam a inteligência, a consciência, a afetividade, o corpo, etc.”: PAPA FRANCISCO, Alocução no encontro com a escola italiana, Roma, 10 de maio de 2014.

⁴ *Educar ao diálogo intercultural na escola católica* (2013); *Educar hoje e amanhã. Uma paixão que se renova* (2014).

O documento conciliar *Gravissimum educationis* (no próximo ano recorre o 50º aniversário da sua emanção) sublinha, já no próêmio, “a capital importância da educação na vida do homem e a sua influência cada vez maior no progresso social contemporâneo”, e põe em realce que “a verdadeira educação deve promover a **formação da pessoa** humana, tanto em ordem ao seu fim último como ao bem das sociedades, das quais o homem é membro, e em cujas responsabilidades tomará parte ao atingir a maioridade”.⁵ Evidenciam-se dois aspetos, que todo o docente católico deve tomar em consideração no seu trabalho quotidiano: a educação da **pessoa** e a educação do bom **cidadão** (cidadão do seu país e do mundo).

O documento conciliar assim continua: “Portanto, importa que, tendo em conta o progresso da ciência psicológica, pedagógica e didática, se ajudem as crianças e os jovens a **desenvolver harmoniosamente os dotes físicos, morais e intelectuais**, para gradualmente adquirirem um sentido mais perfeito da **responsabilidade** na própria vida, que retamente se há de cultivar mediante um contínuo esforço e prosseguir na verdadeira **liberdade**, superando todos os obstáculos com **coragem** e perseverança... Sejam, além disso, preparados de tal forma para participarem na **vida social**, que, bem instruídos com os meios necessários e oportunos, possam tomar parte ativa nos diversos grupos da **sociedade** humana, se abram ao **diálogo** com os outros e se empenhem livremente na consecução do **bem comum**... Exortam-se todos os filhos da Igreja a colaborar generosamente em todo o campo da educação, sobretudo a fim de que, quanto antes, se possa estender a todos e em toda a parte da terra os justos benefícios **da educação e da instrução**.”⁶

A coragem de testemunhar a Boa Nova

Todo o católico é chamado a testemunhar com coragem, autenticidade e espírito de iniciativa a “boa nova”. “Ide e pregai!” É o premente convite de Cristo. É um testemunho que encarna os valores evangélicos no quotidiano e que brota de uma fé forte e do trabalho fecundo de todo o docente em todos os ambientes. O educador católico é um “enviado”, tem uma missão específica a cumprir (de forma adequada às situações, em que é “chamado” a trabalhar), com prudência, humildade, coerência e no respeito do contexto, das famílias,

⁵ *Gravissimum educationis*, 1

⁶ *Ibidem*.

dos alunos e dos colegas. Deve saber fazer o possível para ser “**luz, sal, fermento**”; despido da tibieza ou arrogância, mas rico de **tino e sabedoria** e também de espírito de **serviço**.

Bem o sabemos: o docente católico, sobretudo nalgumas realidades, atua em situações difíceis e por vezes hostis. A Beata Madre Teresa de Calcutá, com o seu generoso e fecundo empenho em ambientes não católicos, observava que “os momentos difíceis são os mais evangélicos”. “Precisa trabalhar pela pedagogia da paz... O cristão é chamado a ir além de todas as formas de violência e a ser testemunha de gentileza, generosidade e paz”.⁷

Por isso, o docente católico é, antes de mais, **homem de relação**, que educa à relação positiva: consigo mesmo, com os outros, com o mundo e com Deus. Na relação, transmite a totalidade de si mesmo, com o próprio mundo, com os próprios valores, com as próprias riquezas, com as próprias pobreza. É um homem de coragem, que sabe aceitar os desafios de hoje. O diálogo com Deus e com os irmãos, com a comunidade eclesial, profissional e escolar, ajuda-o. A pedagogia do Evangelho orienta-o para oportunas escolhas de vida e de ação educativa, e fá-lo percorrer caminhos de paz.

Os desafios educativos, um estímulo a trabalhar. O associativismo, uma riqueza

São vários os desafios de hoje. São desafios, de que não se deve ter medo, mas que exigem a arte do discernir, a competência no operar, a sabedoria no refletir, o alimento da Palavra, a ajuda do Senhor e a cooperação com os irmãos que comungam as mesmas opções. Nesse sentido, a adesão a **associações profissionais** de educadores católicos é extremamente oportuna. É, de facto, um espaço fecundo e ativo de crescimento humano, espiritual e profissional; um ambiente de intercâmbio profissional e de projetualidade comum. Seria de desejar que, em todas as nações e com um adequado e significativo apoio das Conferências Episcopais, surgissem associações de dirigentes e docentes católicos, que atuam quer nas escolas católicas quer noutros tipos de escola. Seria um ótimo serviço para a comunidade eclesial e para as próprias comunidades escolares, e também

⁷ Intervenção do Cardeal Jean-Louis Tauran, Presidente do Pontifício Conselho para o Diálogo inter-religioso, durante o seminário sobre o diálogo inter-religioso *Religião e violência*. Petra University of Aman, Jordânia, 13 de maio de 2014.

para cada educador. O Decreto conciliar *Apostolicam actuositatem* evidencia, de facto, a riqueza que são para a Igreja as várias formas de “**apostolado associado**”.⁸

Um arco-íris de culturas

Um dos desafios prioritários é a **composição multicultural** das sociedades de hoje, bem evidenciada pelo recente documento da Congregação para a Educação Católica *Educar para o diálogo intercultural na escola católica – Viver juntos para uma civilização de amor*.⁹ O dirigente e/ou o docente católico é chamado a promover o diálogo, a favorecer a convivência entre as diversas expressões culturais, a encorajar relações de mútuo respeito, a ajudar a superar preconceitos, a orientar para que se ponha em luz o que

⁸ “Os cristãos exerçam o apostolado unindo os seus esforços... O apostolado associado é de grande importância, porque... exige ação comum para ser realizado... Nas circunstâncias presentes, é absolutamente necessário que, no campo da atividade dos leigos, se robusteça a forma de apostolado associado e organizado, porque só a estreita união de forças consegue realizar plenamente todos os fins do apostolado atual e proteger eficazmente todos os seus frutos... As organizações católicas internacionais conseguirão melhor o seu fim, se as associações nelas reunidas e cada um dos seus membros a elas se unirem mais intimamente... O sagrado Concílio recomenda encarecidamente estas instituições... Dá grande alegria à Igreja o facto de aumentar cada vez mais o número de leigos que prestam o seu serviço às associações e obras de apostolado, quer dentro do seu país, quer no campo internacional”: *Apostolicam actuositatem*, 18-22.

⁹ “A composição multicultural das sociedades hodiernas, favorecida pela globalização, tornou-se um dado de facto. A presença simultânea de diversas culturas representa um grande recurso, quando o encontro entre diferentes culturas é vivido como fonte de recíproco enriquecimento. Pode também tornar-se um problema relevante, quando a multiculturalidade é vivida como ameaça à coesão social, à salvaguarda e ao exercício dos direitos dos indivíduos e dos grupos. Não é fácil a realização de uma relação equilibrada e pacífica entre culturas pré-existentes e novas culturas, muitas vezes caracterizadas por usos e costumes opostos... A educação encontra-se então empenhada num desafio central para o futuro: tornar possível a convivência entre a diversidade das expressões culturais [Cf. UNESCO, *Convenção para a proteção e promoção da diversidade das expressões culturais* (Paris, 20.10.2005), art. 4] e promover um diálogo que favoreça uma sociedade pacífica. Esse itinerário passa através de algumas etapas, que permitem descobrir a multiculturalidade no próprio contexto de vida, superar os preconceitos, vivendo e trabalhando juntos, educar-se ‘através do outro’ à mundialidade e à cidadania. Promover o encontro entre diversos ajuda a compreender-se reciprocamente, não devendo porém fazer esquecer a própria identidade. É grande a responsabilidade das escolas, que são chamadas a desenvolver, nos seus projetos, a dimensão do diálogo intercultural. Trata-se de um objetivo árduo, difícil de alcançar, mas necessário. A educação, por sua natureza, exige abertura às outras culturas – sem perder a própria identidade – e aceitação do outro, para evitar o risco de uma cultura fechada em si mesma e limitada: CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Educar ao diálogo intercultural na escola católica*, 2013, Introdução.

é “bom, belo e verdadeiro”, a criar ocasiões de confronto que estimulem o enriquecimento recíproco e a harmonia, a promover e apoiar projetos educativos que ajudem a comunidade escolar a fazer idóneos percursos de diálogo intercultural. E isso, naturalmente, sem abdicar da própria identidade.

O educador católico é o homem da **escuta** e do **discernimento**. “Se quisermos adotar um bom critério, deixando-nos guiar por ele na realização de um discernimento evangélico, há que cultivar duas atenções, complementares entre si, mesmo se, à primeira vista, contrapostas. De ambas dá-nos testemunho Jesus Cristo. A primeira consiste no esforço de **pôr-se à escuta da cultura do nosso mundo**, para discernir as sementes do Verbo, já nela presentes, mesmo fora dos confins da Igreja. Escutar as expetativas mais íntimas dos nossos contemporâneos, tomar a sério os seus desejos e procuras, e tentar compreender o que faz vibrar os seus corações e o que, ao invés, lhes mete medo e fá-los desconfiar, é importante para nos podermos tornar servos da sua alegria e da sua esperança. Por outro lado, não se pode absolutamente excluir que os não crentes tenham algo a nos ensinar sobre a compreensão da vida, e que, portanto, por caminhos inesperados, o Senhor possa, em certos momentos, fazer-nos ouvir através deles a sua voz... Há um Deus desconhecido, que habita nos corações dos homens e que é procurado por eles!”¹⁰

Ao serviço dos mais fracos

O docente católico, na comunidade da escola e no ambiente em que vive e trabalha, dá especial **atenção aos mais fracos**, aos marginalizados, aos “pobres”.¹¹ Perante a precariedade em que vive a maior parte dos homens e mulheres do nosso tempo e perante as fragilidades espirituais e morais de tantas pessoas, sobretudo jovens; perante milhares de migrantes que pedem acolhimento e asilo; perante as múltiplas vítimas da violência ou os numerosos jovens apanhados na armadilha da droga, do álcool, do jogo...

¹⁰ *Comunicar o Evangelho num mundo em mudança*. Orientações pastorais do Episcopado Italiano para a primeira década do Dois Mil, 2002, 34.

¹¹ “Deriva da nossa fé em Cristo, que Se fez pobre e sempre Se aproximou dos pobres e marginalizados, a preocupação pelo desenvolvimento integral dos mais abandonados da sociedade. Cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus ao serviço da libertação e da promoção dos pobres, para que se possam integrar plenamente na sociedade; isso supõe estarem docilmente atentos, para ouvir o clamor do pobre e socorrê-lo”: *Evangelii gaudium*, 186-187.

sentimo-nos, como comunidade cristã e como educadores, interpelados a ser sujeitos protagonistas e ativos no viver e testemunhar um serviço caracterizado pela **gratuidade** e pelo **dom**, para que ninguém se sinta excluído, para que a lógica da competição seja substituída pela do serviço, da partilha, da solidariedade.¹²

É um tema em que o Papa Francisco insiste muito. No passado 9 de maio, assim dizia: “Trata-se de desafiar todas as formas de injustiça, opondo-se à ‘economia de exclusão’, à ‘cultura do descartável’ e à ‘cultura da morte’”.¹³ Esta constante atenção aos mais fracos, aos fatores de marginalização e de exclusão, faz amadurecer a sensibilidade de cada docente e da comunidade escolar para com os necessitados, favorece a virtude da caridade, estimula o docente a tornar-se promotor de iniciativas de ajuda, de apoio, de acompanhamento, para que seja salvaguardada a dignidade de cada pessoa e a cada aluno se garanta o **pleno sucesso formativo**.

Em propósito, é oportuno sublinhar que a desigualdade sociocultural já existe antes de entrar na escola, e só é parcialmente diminuída na pré-escola, sendo a dispersão escolar um fenómeno muito difuso.¹⁴ Por isso, é extremamente necessário reforçar as competências dos docentes, e mesmo dos dirigentes, para melhorar a qualidade do serviço escolar aos alunos com especiais carências educativas.

Uma comunidade escolar, onde vige o bem-estar e se dá sentido ao trabalho quotidiano

O clima afetivo-relacional da aula e da escola, uma didática de qualidade, a escolha dos conteúdos e dos percursos de ensino-aprendizagem, a vida quotidiana da escola, formas organizativas idóneas, a gestão dos tempos e

¹² Cf. *Evangelii gaudium*, 53.

¹³ PAPA FRANCISCO, Discurso aos membros do Conselho dos Chefes Executivos para a Coordenação das Nações Unidas, Roma, 9 de maio de 2014.

¹⁴ As investigações longitudinais, como, por exemplo, a inglesa *Millennium Cohort Study*, mostram que a desigualdade sociocultural já é grande aos três anos, permanece e reencontra-se mesmo nas crianças de cinco anos... O estudo da OCSE põe em evidência que ainda estamos muito longe de conseguir que todos os estudantes pobres obtenham resultados iguais à média da pontuação dos estudantes provenientes de camadas abastadas... Os sistemas escolares vigentes muitas vezes tornam-se segregadores. Cf. NORBERTO BOTTANI, *Requiem pela escola*, ed. Mulino, Bolonha, 2013.

espaços, estratégias adequadas,¹⁵ iniciativas para prevenir e superar toda a forma de mal-estar, a formação permanente dos docentes e dos próprios dirigentes, a cooperação entre os docentes e com as famílias e com a comunidade local, estimulam a comunidade escolar a ser um lugar à medida dos alunos, acolhedora, aberta a todos e de promoção cultural e social. Por isso, o docente católico sabe **interessar-se** de si mesmo, dos outros, do ambiente e de Deus. Interessar-se significa saber cuidar, apoiar, procurar e dar o melhor, ser humilde mas significativo ponto de referência para os alunos, para os colegas, a comunidade, as famílias.

O docente católico é promotor, defensor e testemunha do **belo**, do **bom** e do **verdadeiro**. Com a sua presença responsável, inteligente, competente e ativa na aula e na comunidade escolar, ajuda os colegas e os alunos a dar sentido ao seu projeto e trabalho, a se interrogar e orientar nos complexos meandros do conhecimento e da vida.¹⁶ Presta atenção a um uso correto dos **saberes disciplinares**, para que se evite toda a fragmentação, toda a instrumentalização, todo o nocionismo estéril e para que, ao contrário, se privilegiem **percursos interdisciplinares**, que favoreçam a continuidade do aprender, uma interação dinâmica entre os saberes e entre os docentes, em ordem a uma promoção integral de cada pessoa, na ótica de uma aprendizagem que dure a vida inteira, e a uma comunidade escolar acolhedora, vivaz, significativa, aberta ao mundo.

¹⁵ Quanto aos tempos e ritmos escolares, é interessante a recente medida ministerial da França (outono de 2014), tendo em vista melhorar a aprendizagem e o pleno sucesso de todos os alunos. Nela, preveem-se a reorganização do horário escolar e a programação de atividades didáticas, de formas organizativas e dos tempos adequados aos alunos, sobretudo aos que têm dificuldade. A medida “põe os interesses dos alunos ao centro da ação educativa, privilegiando a redução das desigualdades, a procura do bem-estar na escola e o desenvolvimento de um espírito de cooperação” (Cf. *Rythmes scolaires, garder le Cap*, Documento SGES – *Enseignement Catholique*, France); www.education.gouv.fr/rythmes-scolaires.

¹⁶ Queremos tomar consciência, juntamente com todos os educadores, de alguns aspetos problemáticos da cultura contemporânea – como a tendência a reduzir o belo ao útil, a verdade à racionalidade empírica, a beleza ao prazer efêmero –, procurando e reconhecendo também as perguntas não expressas e as potencialidades escondidas, e procurando aproveitar os recursos oferecidos pela própria cultura... Uma educação autêntica deve ser capaz de falar à necessidade de significado e de felicidade das pessoas... Estamos no mundo com a consciência de ser portadores de uma visão das pessoas, que, exaltando a verdade, a bondade e a beleza, é verdadeiramente alternativa ao sentido comum”: *Educar à vida boa do Evangelho*. Orientações pastorais do Episcopado Italiano para a primeira década do Dois Mil, 2002, 7-8.

As disciplinas (bem o sabemos) são, de facto, instrumentos para compreender a realidade, estabelecer relações, desenvolver capacidades críticas, assumir comportamentos responsáveis como pessoas e como cidadãos. O Papa Francisco recorda a todo o docente que “educar não consiste apenas em transmitir conhecimentos e conteúdos, mas implica outras dimensões: transmitir **conteúdos, hábitos e sentido dos valores, estes três elementos juntos**”¹⁷. Ensinar é, de facto, educar a uma vida boa, educar à alegria de viver “para e com” os outros, promover verdadeira liberdade e plenitude de vida.

As dimensões da **maravilha**,¹⁸ da **contemplação**,¹⁹ da introspeção devem ser cultivadas, tanto pelo próprio docente como pelos alunos. É necessário educar a interioridade, para evitar que a educação ceda à lógica do mercado e destrua o homem. É uma questão de responsabilidade em relação a si próprios e ao mundo: “Tomai em mão a vossa vida e fazei dela uma obra-prima” – dizia o Santo Papa João Paulo II.

O docente católico, com o seu empenho quotidiano e a sua madura capacidade de discernir, atua e está atento a que a escola não ceda a lógicas tecnocráticas e económicas e a tentativas de instrumentalização, no respeito “da pessoa dos alunos na sua integralidade, desenvolvendo uma multiplicidade de competências que enriquecem a pessoa humana, a criatividade, a imaginação, a capacidade de assumir responsabilidades, a capacidade de amar o mundo, de cultivar a justiça e a compaixão. A proposta da educação integral, numa sociedade que muda tão rapidamente, exige uma reflexão contínua, capaz de renová-la e de torná-la cada vez mais rica de qualidades... Nunca se deve esquecer que os alunos têm necessidades específicas, que muitas vezes vivem situações difíceis e merecem uma atenção pedagógica que esteja atenta às suas exigências”.²⁰

¹⁷ PAPA FRANCISCO, Alocução aos membros da Pontifícia Comissão para a América Latina, 28 de fevereiro de 2014.

¹⁸ “Educar à maravilha é também educar ao justo desapego, a um olhar capaz de colher o inteiro horizonte humano e, portanto, sentir a mais linda e profunda emoção, que é o sentido do mistério. Reside aí a semente de toda a arte, de toda a verdadeira ciência”: EINSTEIN.

¹⁹ “A ação verdadeira é só aquela que nasce da contemplação. E a verdadeira contemplação leva necessariamente à ação. Um momento chama o outro, como a causa se revela no efeito e como o amor chama o amor. Viver com alma de contemplativo no rebuliço de uma metrópole. Eis o ideal do cristão, a que corresponde constantemente uma necessidade sempre crescente: passar do dinamismo da ação à luz da contemplação”: J. MARITAIN, *Ação e contemplação*, ed. Borla.

²⁰ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Educar hoje e amanhã. Uma paixão que se renova* 2014, III, 1e.

Ética e utopia, memória e discernimento

O educador católico está atento à **dimensão ética do ensinar**. Sabe bem que toda a disciplina, toda a didática, toda a relação, toda a forma organizativa tem uma dimensão ética, que “não é apenas ética da justiça ou da sobrevivência, mas uma **ética do bem**, onde por bem se entende a realização plena de todas as capacidades do homem, a sua florescência completa, a sua plenitude (fulfilment). Isso naturalmente implica uma disponibilidade à transformação do existente, um empenho político em favor da emancipação (não só da conservação), uma certa dose de **otimismo** e também de utopia (sem a qual não se faz a história)”.²¹

A **boa gestão da utopia** interessa também ao Papa Francisco. “Saber gerir a utopia, ou seja, saber guiar... saber orientar e ajudar a fazer prosperar a utopia de um jovem é uma riqueza. Um jovem sem utopia é um idoso precoce... A utopia cresce bem, quando é acompanhada pela ‘memória’ e pelo ‘discernimento’. A utopia olha para o futuro, a memória contempla o passado, e o presente tem necessidade de ser discernido. O jovem deve receber a memória e plantar, radicar a sua utopia naquela memória; discernir no presente a sua utopia – os sinais dos tempos –, pois só assim a utopia pode progredir, profundamente arraigada na memória e na história que ela recebeu... mas já orientada para o futuro. Assim, a emergência educativa encontra já aqui um âmbito, no qual mover-se, a partir do que é mais próprio do jovem, que é a utopia”.²²

Tomar iniciativa, para uma cultura “plena”

A escola é lugar de cultura, onde se aprende a compreender a si próprio e o mundo, e se promove a cidadania ativa, percorrem-se caminhos de justiça e paz, adquirem-se bons hábitos e – guiados por bons docentes – se amadurecem capacidades projetuais, operativas, reflexivas e de cooperação. Daí que a escola lute contra toda a forma de analfabetismo. Infelizmente, não é raro que, com a desculpa da “laicidade”, muitos rapazes cresçam analfabetos do ponto de vista religioso. O recente Relatório sobre o analfabetismo religioso na Itália e no Ocidente evidencia, de forma dramática, um grave

²¹ E. BERTI, *A ética precisa de um pouco de utopia*, in *Avvenire*, 6 de maio de 2014.

²² PAPA FRANCISCO, *Alocução aos membros da Pontifícia Comissão para a América Latina*, 28 de fevereiro de 2014.

vazio, não só religioso mas também cultural. Os católicos são convidados a “**primeirar**” (uso um neologismo de origem espanhola, utilizado pelo Papa Francisco), ou seja, a tomar a iniciativa. Em que direções deve ser tomada essa iniciativa? O *Relatório* indica três: o âmbito da escola, o da produção legislativa sobre a liberdade religiosa e o da investigação universitária em matéria de “ciências religiosas”.²³ Não é problema de catequese ou de práticas religiosas a serem vividas em contextos escolares, mas de **cultura religiosa**,²⁴ que (interagindo com os demais âmbitos do saber escolar) ajuda a ler e a compreender os factos e os fenómenos religiosos, de modo especial do ambiente em que se vive, e a não se tornar vítima de preconceitos, de estereótipos, de várias formas de integralismo, favorecendo o diálogo inter-religioso e a cooperação em ordem à pacífica convivência e promoção do bem comum.²⁵ Nesse sentido, a obra dos docentes católicos em relação aos alunos, à comunidade escolar e às próprias famílias, é muito oportuna.²⁶

O docente católico é promotor de **diálogo**, de **coragem**, de **paixão educativa**; exerce a arte da **orientação**, da **compreensão**, da **colaboração**, da **pacificação**, do **encorajamento**, da **valorização**. É pessoa de

²³ “Pode-se, com efeito, concordar com o que se afirma num dos contributos do próprio *Relatório*, ou seja, com o facto de o contexto, onde a questão do analfabetismo religioso deve ser inserida, ser “a separação entre elementos culturais e [elementos] religiosos e a consequente dificuldade de aprender a compreender os segundos dentro do horizonte marcado pelos primeiros”. Uma dinâmica, que, como confirmam outros contributos presentes no *Relatório*, pertence, portanto, aos processos secularizadores, que atravessaram o inteiro Ocidente e que, numa conferência italiana de há uns dois anos atrás, o Prof. Gilles Routhier definia precisamente como sendo a incapacidade das Igrejas (das religiões) de reagir com pertinência ao emergir de novas culturas. Uma perspetiva que, coerentemente com a evocada pelo *Relatório*, vê nas Igrejas (nas religiões) os autores, e não só as vítimas, quer da difusão do analfabetismo religioso quer do seu contraste”: Mons. NUNZIO GALANTINO Bispo de Cassano no Jónio e Secretário da CEI, *Apresentação do Relatório sobre o analfabetismo religioso na Itália*.

²⁴ Porque devem os rapazes saber tudo sobre os deuses, sobre Homero, e pouquíssimo sobre Moisés? Porque devem conhecer a Divina Comédia e não o Cântico dos Cânticos? Em suma, é legítimo e fecundo afirmar que a Bíblia tem o direito de se pôr como código cultural...”: HUMBERTO ECO.

²⁵ Jeremy Rifkin fala de “bens comuns colaborativos”.

²⁶ Consideramos exemplar a experiência das escolas multiétnicas, *Escolas para a Europa*, promovida pela Igreja Católica da Bósnia-Herzegovina. Essas escolas encontram-se nas principais cidades bosniacas e atualmente acolhem 5.000 rapazes das diversas etnias e religiões e representam a vontade de promover a convivência e a educação aos valores da paz numa terra, que, por efeito da propaganda sobre a intolerância étnica, registou, durante três anos de guerra, a morte de 278.000 pessoas e a expulsão do país de quase um terço da população.

misericórdia e de **visão**. Testemunha a sua abertura ao mundo,²⁷ a sua coerência, o seu espírito de serviço, o seu empenho de formação permanente.

Animar a educação familiar

No atual contexto educativo, em que as famílias são frágeis e diversificadas, com laços por vezes fracos e conflituosos, que perturbam o crescimento dos filhos, a obra do docente torna-se muito útil. Pode promover percursos de interação com as famílias e desempenhar o papel de docente-animador de educação familiar. Não é o mestre dos pais, mas **pessoa que partilha um caminho**. Para isso, é oportuno que o docente amadureça “capacidades reflexivas e consciência de si, iguais às das outras figuras profissionais que atuam nos contextos educativos, e também uma forte motivação a pôr-se em jogo individualmente e nas relações com o resto do grupo, com o qual partilha a formação. Este passo torna-se decisivo para pedir aos pais que façam o mesmo com a escola. Como pode, de facto, um docente tornar-se promotor de um percurso de apoio aos pais, sem antes se ter interrogado sobre a própria ideia de família, sobre os próprios valores, sobre as próprias práticas educativas?”²⁸

Uma formação permanente, que sabe regenerar-se para ser fecunda

O docente católico, mesmo trabalhando na escola não “católica”, é pessoa em caminho, que atua em comunidade. Por isso, está atento à sua formação permanente: é um direito, mas também um dever. Com efeito, para viver dignamente a sua função são necessárias algumas competências e atitudes, que devem ser cultivadas no quotidiano. O Prefeito da Congregação para a Educação Católica, Cardeal Grochowski, sintetiza-as em: **inteligência pedagógica** (compreensão da realidade, das potencialidades do aluno...); **consciência pedagógica** (conotação ética da sua profissão, deontologia

²⁷ “Os professores são os primeiros que devem permanecer abertos à realidade... com a mente sempre aberta para aprender! Pois se um professor não está aberto para aprender, não é um bom professor, e nem sequer é interessante; os jovens compreendem, ‘farejam’, e são atraídos pelos professores que têm um pensamento aberto, ‘incompleto’, que procuram ‘um mais’, e assim contagiam os estudantes com esta atitude. Eis um dos motivos pelos quais eu amo a escola”: PAPA FRANCISCO, Alocução no encontro com a escola italiana, Roma, 10 de maio de 2014.

²⁸ ANTONIO BELLINGERI, *O cuidado parental. Um subsídio para as escolas dos pais*, ed. O poço de Jacob, Trapani 2012.

profissional...); **vocação específica** (viver em harmonia com a profissionalidade); coerência (fé, esperança e caridade); comunhão (relacionamento positivo); diálogo. **“O educador católico é aquele que cumpre a sua missão, vivendo-a na fé e como vocação. Afé dá força aos valores em que acredita e favorece a formação integral da pessoa, através do diálogo e do testemunho, deixando intata e reforçando a liberdade do educando e do educador”**.²⁹ O recente documento da Congregação para a Educação Católica sublinha a indispensabilidade da formação permanente dos docentes. De facto, assim afirma: “No contexto cultural hodierno, a formação dos professores é determinante e exige um rigor e um aprofundamento, sem os quais o seu ensino seria considerado pouco credível, pouco confiável e, por isso, não necessário. É uma formação urgente”.³⁰ O docente católico, onde quer que trabalhe, deve sentir essa exigência e, onde for oportuno, deve saber tornar-se promotor de iniciativas para reforçar a profissionalidade dos colegas e empenhar a comunidade escolar. Ao mesmo tempo, a comunidade eclesial, em colaboração com as associações profissionais, deve encorajar e promover adequados percursos formativos para os docentes em ordem a favorecer a maturação humana, espiritual e profissional.

Um educador guiado pelo Espírito

O docente católico, mesmo trabalhando em realidades hostis e sentindo a solidão, sabe que não está só. O Senhor orienta-o, acompanha-o e apoia-o.³¹ Sabe interagir com os outros para partilhar percursos adequados ao

²⁹ Card. ZENON GROCHOLEWSKI, *O papel do educador*, Intervenção no Congresso Mundial UMEC, Roma, 15 de outubro de 2008.

³⁰ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Educar hoje e amanhã. Uma paixão que se renova*, 2014, III, 1j.

³¹ “O livro dos Salmos diz: ‘O Senhor me aconselha; durante a noite a minha consciência me adverte’ (*Salmo 16,7*). Este é outro dom do Espírito Santo: o dom do conselho. Sabemos como é importante, nos momentos mais delicados, poder contar com sugestões de pessoas sábias e que nos amam. Através do conselho, é o próprio Deus, com o seu Espírito, que ilumina o nosso coração, fazendo com que compreendamos o modo justo de falar e de nos comportarmos, e o caminho que devemos seguir... O conselho é o dom, com o qual o Espírito Santo torna a nossa consciência capaz de fazer uma escolha concreta em comunhão com Deus, segundo a lógica de Jesus e do seu Evangelho. Desta maneira, o Espírito faz-nos crescer interior e positivamente, faz-nos crescer na comunidade e ajuda-nos a não cair na armadilha do egoísmo e do próprio modo de ver as coisas... É o Espírito que nos aconselha, mas devemos dar espaço ao Espírito para que possa aconselhar. E dar espaço é rezar para que Ele venha e nos ajude sempre...”

serviço educativo, que é chamado a realizar. Dá o seu generoso e qualificado contributo à comunidade eclesial, social, escolar e à própria vitalidade da associação profissional. É **pessoa inteligente e ativa**: “Aqui, não se trata da inteligência humana, da capacidade intelectual, de que podemos ser mais ou menos dotados. É, ao contrário, uma **graça**, que só o Espírito pode infundir e que suscita no cristão a capacidade de ir além do aspeto externo da realidade e ‘perscrutar as profundidades do pensamento de Deus e do seu desígnio de salvação’”.³²

A fé ajuda todo o educador católico a viver o seu serviço educativo, onde quer que trabalhe, praticando as virtudes da esperança e da caridade. “A fé é, de facto, luz que vem do futuro, que descerra diante de nós horizontes grandes e nos leva a ultrapassar o nosso ‘eu’ isolado, abrindo-o à amplitude da comunhão”.³³

Por isso, o docente católico sabe ser **testemunha de alegria**³⁴ e viver a alegria da pertença cristã.

Agrada-me defini-lo “**testemunha das bem-aventuranças evangélicas**”, as bem-aventuranças vividas e testemunhadas no quotidiano do serviço escolar, realizado com e para os outros.

Como todos os outros dons do Espírito, também o conselho constitui um tesouro para toda a comunidade cristã. O Senhor não nos fala só na intimidade do coração; fala-nos sim, mas não só ali. Fala-nos também através da voz e do testemunho dos irmãos. É deveras um dom importante poder encontrar homens e mulheres de fé, que, sobretudo nos momentos mais complicados e importantes da nossa vida, nos ajudam a iluminar o nosso coração e a reconhecer a vontade do Senhor!”: PAPA FRANCISCO, Audiência Geral de 7 de maio de 2014.

³² PAPA FRANCISCO, Audiência Geral de 30 de abril de 2014.

³³ PAPA FRANCISCO, Encíclica *Lumen Fidei*, 4.

³⁴ “E por fim, rejubilar... Ser pessoas que cantam a vida, que cantam a fé... Dizer a fé, viver a fé com alegria, e isto chama-se ‘cantar a fé’. Não sou eu que digo isto! Foi Santo Agostinho que o disse há 1600 anos: ‘cantar a fé’! Pessoas capazes de conhecer os próprios talentos e limites, que sabem ver nas próprias jornadas, também nas mais escuras, os sinais da presença do Senhor. Rejubar porque o Senhor vos chamou a ser corresponsáveis da missão da sua Igreja. Rejubar porque neste caminho não estais sozinhos: há o Senhor que vos acompanha, há os vossos bispos e sacerdotes que vos apoiam, há as vossas comunidades paroquiais, as vossas comunidades diocesanas, com as quais partilhar o caminho. Não estais sozinhos!”: PAPA FRANCISCO, Alocução à Ação Católica italiana, 3 de maio de 2014.

A minha experiência: como testemunho a minha fé?

NATAŠA MANDIC (*)

Louvados sejam Jesus e Maria! Saúdo-vos de todo o coração e agradeço antecipadamente a vossa atenção. Chamo-me Natasha e começo por apresentar em poucos traços a minha história. Nasci em Sarajevo, não tendo sido criada nem educada numa atmosfera particularmente religiosa. Meu pai era ortodoxo e minha mãe católica; respeitávamos a tradição e os costumes, e íamos visitar a família no Natal e na Páscoa.

Em criança, fui algumas vezes à Missa, à escola franciscana de teologia, porque uma das minhas amigas frequentava a catequese... Recordo-o muito bem.

Vieram, depois, os anos da formação e do crescimento, sem ter consciência da proximidade de Deus, mas, quanto a isso, quero agradecer a Deus por todas as boas recordações, pelos meus pais e por todas as pessoas que pôs no meu caminho e que me apoiaram e encorajaram com a sua compreensão, paciência e experiência. E eis vir o ano de 1992, quando tudo bruscamente se rompe e perde o seu sentido... mas começa uma verdadeira busca de sentido. A educação, o estudo no quotidiano da guerra, marcado de morte e de mortos; um combate, direto e feroz, entre a vida e a morte trouxe-me uma evidência como nunca. Por outro lado, vai dar-se o meu encontro pessoal com a Igreja, que acolhe e ajuda; um encontro com a verdade de Deus, que Frei Ljubo Lucić me transmite e que não me deixa indiferente.

(*) Professora.

A minha experiência: como testemunho a minha fé?

No absurdo e obscuridade da guerra, o catecismo torna-se o meu sentido e a minha luz. Um desejo de batismo nasce em mim. A 1 de março de 1995, recebo os sacramentos da Iniciação, e São José continuará a proteger-me na vida, pois tornei-me professora no Centro escolar católico São José. A graça de Deus continua a formar-me: através dos indivíduos que me transmitiram a experiência do amor de Deus; depois, através dos sacramentos e da oração, do terço da minha avó, do sistema das escolas católicas para a Europa, do encontro com São João Paulo II e dos encontros de jovens católicos, mas também através da intercessão e das orações dos Santos e da Virgem Maria. Nesta abundância de bênçãos e de dons, quero mencionar alguns encontros-acontecimentos, que tiveram eco especial no meu coração e me levaram a viver o Evangelho ainda mais decididamente.

Em 2001, a Páscoa em Hardehausenu. Jovens de Sarajevo foram convidados pelo Padre Meinolf Wackera a ir, com o Padre Tomo Mlakiaë, a Herhausenu, um Centro para jovens, na Alemanha. Foi uma experiência inesquecível da proximidade e do amor de Deus e da beleza da sua comunidade.

Foi o meu primeiro encontro com uma especial atenção à Palavra de Deus, e que se procurou viver a mensagem do Evangelho todos os dias, mesmo depois do nosso regresso a Sarajevo, e onde testemunhámos o amor de Deus na nossa vida quotidiana.

Em 2001, fui pela primeira vez a Medjugorje, em Križevac. Em 2002, foi o encontro com o Papa em Toronto e o slogan “Vós sois o sal da terra e a luz do mundo”, profundamente gravado no meu coração. Em 2004, parti para as renovações espirituais carismáticas, onde fiz pela primeira vez a experiência de uma celebração forte e cheia de imensa alegria, graças à proximidade e força de Jesus. A partir dessa experiência, sinto a necessidade de ir à Missa com mais frequência e também à Confissão. De 2005 a hoje, tenho feito exercícios espirituais de Santo Inácio, que se refletem consideravelmente no meu crescimento espiritual, onde na leitura quotidiana da Bíblia e no encontro com a Palavra viva de Deus, na oração de contemplação, descubro a verdade sobre Deus, sobre mim mesmo e sobre o mundo que me rodeia.

Fazendo exercícios espirituais e dando tempo ao Senhor para meditar e contemplar a Palavra de Deus, foi-me, por sua vez, revelada a verdade, a verdade d'Ele, que é o Criador e de mim mesmo, sua criação. Isso me ajudou a conhecer e compreender melhor a minha realidade, e ofereceu-me Jesus Cristo, libertador, médico e mestre.

Deus revela-Se com toda a sua ternura, a sua doçura, a sua paciência comigo, o seu amor até à morte de cruz, e convida-me, docemente porque de forma impercetível, a transmitir aos outros todas as graças recebidas. Com uma confiança cada vez maior em Deus, a responsabilidade e o empenho pelo próximo também se tornaram cada vez maiores. Num dado momento, tornei-me muito consciente de que, neste caminho, não estou só: Cristo ressuscitado está comigo, pois recebo-O quase todos os dias na Sagrada Comunhão; abandono-me a Ele, quero dá-l'O aos outros e testemunhar a verdade libertadora: sou um filha muito amada de Deus, com todos os meus pecados e as minhas fraquezas, mas amada, e também tu és um filho muito amado de Deus, Deus ama-te; é verdade, Ele ama-te tal como és; Ele confia em ti e conta contigo. É a verdade de Deus sobre nós, os humanos, mas é tão pouco presente nas nossas relações interpessoais.

Procurava respostas, e quando descobri a verdade sobre Deus, pude transmiti-la ao meu próximo, na minha vida quotidiana. O Senhor, pouco a pouco, quebrou a dureza do meu coração, revelando a grandeza e a força do perdão e do verdadeiro arrependimento. Ele cresceu cada vez mais no meu coração, na sua grandeza e beleza, e cada vez mais Lhe agradei e aceitei o seu plano. E como concretamente dou testemunho da minha fé? Sendo Cristo o centro da Igreja, também eu procuro tornar cristocêntrica a minha vida quotidiana; ofereço mim mesmo e todos os que o Senhor colocou no meu caminho, todos os acontecimentos.

Numa atmosfera de desespero, de grave situação económica, política e social, o meu apoio é Cristo; confio n'Ele. Cada dia é uma prenda para mim; um apelo ao serviço e a possibilidade de encontrar-se sob a bandeira de Cristo, mas também um desafio e uma aventura a combater pelo reino de Deus. Faço-o sobretudo com o meu empenho na família, entre os amigos, na escola, na paróquia, na Rádio Maria e na comunidade de Santo Inácio.

Gostaria, agora, de dar um testemunho da minha vocação na escola. Sou uma professora de língua croata, e atualmente sou diretora adjunta da escola primária. Na escola é impossível prever e programar todas as situações que aparecerão durante o dia, mas é possível, em todas essas situações, estar com Cristo, superá-las com Cristo, confiá-las a Cristo, pedir-Lhe que seja glorificado nas almas, nos encontros, nos acontecimentos. Ter confiança n'Ele e comunicar o seu amor, a paz, a sua bondade e doçura, a sua compreensão e o encorajamento. Agradecer-Lhe todos os dons e graças, amar a Deus nos semelhantes e aceitá-los, e aceitar tudo isso na oração, de

A minha experiência: como testemunho a minha fé?

modo especial na Missa, e colocar toda a própria impotência nas mãos do Todo-Poderoso.

E quase todos os dias há uma situação imprevista, que requer calma e determinação, mas também empenho e a fé de que será bom tudo o que o Senhor achar por bem realizar.

Agradeço a Deus por este dom maravilhoso da fé. Agradeço-lhe por tudo o que faço no Centro escolar católico, mas tenho consciência da enorme responsabilidade e das tarefas da minha missão na escola. Em certas situações, muitas vezes, não se encontram soluções, e sinto-me impotente, mas abandono-me à vontade de Deus e faço o que posso.

Vou dar testemunho de algumas situações concretas.

Por exemplo, vou contar-vos a história de uma menina que vivia com o pai, a quem ela muito amava, mas que andava tão ocupado que não podia tomar conta dela. Na escola, apercebemo-nos disso e propusemos ao pai que seria necessário entregar a filha a uma instituição. Reagiu muito mal, chorou e foi difícil para ele aceitá-lo. Recordo-me muito bem. Estava eu na Missa, na catedral, com a pedagoga da nossa escola, e entreguei essa situação ao Senhor, por intercessão do Servo de Deus José Stadler. No ano escolar seguinte, o próprio pai veio pedir-me ajuda. A menina encontra-se agora na Casa das crianças órfãs, *Egito*, das Irmãs Servas do Menino Jesus. As irmãs também ajudam o pai.

Um segundo exemplo: durante anos, os colegas docentes ajudaram uma mãe que tinha ao seu cuidado três filhos, e eis precisamente a filha encontrar maus amigos, passando a faltar às aulas com frequência. Não desistimos e procurámos a ajuda de numerosas instituições e do Centro para o trabalho social. Fui pessoalmente com a filha e a mãe ao município de Medjugorje, porque convencidas de que a filha devia afastar-se daquela companhia, mas todas as portas se fecharam. Nessa situação tão difícil, um dia, em que a filha estava no meu gabinete, recebemos a visita de um grande amigo da nossa cidade, o Padre Meinolf Wacker, e uma nova luz nasceu desse encontro. O plano consistia em que a filha fosse com uma das nossas professoras passar o verão numa comunidade da Alemanha. A proposta foi apoiada pelo nosso diretor, M. Ivica Mršo, e com ela concordava também a Sra. Sanja Portner, sua professora chefe. A jovem, ao regressar, começou novamente a abandonar as aulas e então escrevemos para o Centro Social, dando informação de tudo o que havíamos feito e pedindo ajuda em favor de uma jovem vida, não tardando

o caso a ser resolvido positivamente; a menina reside agora numa outra cidade, num outro orfanato.

Terceiro exemplo: alguns anos atrás, eu era a professora principal da classe. Os alunos dessa classe nutriam um grande desejo: ter um campo de desporto, porque a sala de desporto, na nossa escola de Stup, era muito pequena. Nas aulas de catecismo, rezámos, durante um ano inteiro, um *Pai-Nosso*, uma *Ave-Maria* e um *Glória ao Pai* por essa intenção, e logo o Senhor enviou um benfeitor. Foi uma grande alegria para os alunos.

Quando frequentemente deparo com situações de mal-entendidos, acusações, juízos, crítica, e mesmo ataques dos pais, e também com agressividade e disputas entre os próprios alunos, e com situações semelhantes, se recorrem a mim, apoio-me totalmente em Cristo, que é paz, que vence, que é amor. Penso que, muitas vezes, há que ter paciência e amor, escutar e, certamente, comunicá-lo ao bom Deus.

Na obscuridade do quotidiano das nossas famílias e da nossa pátria, somos convidados a levar a luz do amor, da esperança, da verdade e da vida. Na escola onde trabalho, em unidade e comunhão com os meus caros colegas e com o bom Deus, procuro fazer assim.

É o testemunho e uma parte da história da minha vida, e o meu desejo é testemunhar o amor e a graça de Deus, e vejo que todo o bem que se passou comigo tem de ser transmitido às outras almas e ligado à vinha, que é Jesus Cristo. Agradeço a Deus este convite a abrir-Lhe a minha alma.

Para terminar, agradeço o nosso diretor M. Ivica Mršo, os responsáveis e os meus colegas, pela confiança e oportunidade que me deram de testemunhar a minha experiência. Agradeço também encarecidamente Dragana e Ana, que passaram a noite a traduzir, e todos os que hoje rezaram por mim; o maior agradecimento vai a todos os Santos e à Virgem Maria. *Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo!*

Homilia da Santa Missa

Catedral de Sarajevo,
sexta-feira, 16 de maio de 2014

CARDEAL VINKO PULJIC (*)

Nesta Catedral do Sagrado Coração, desejo novamente dar a todos vós calorosas boas-vindas à cidade de Sarajevo, neste edifício mandado construir pelo primeiro Arcebispo da cidade depois da queda do Império Otomano, Mons. Josip (José) Stadler (1843-1918). Já foi iniciado o processo diocesano de beatificação do Arcebispo Stadler, sepultado precisamente nesta Catedral.

Saúdo cada um de vós neste lugar, onde recebemos com imensa alegria, a 12 de abril de 1997, o Papa João Paulo II. Alegramo-nos de modo especial porque, a 30 de abril do ano corrente, foi erguido e abençoado um monumento dedicado precisamente a São João Paulo II, a quem somos muito gratos por ter-se fortemente empenhado em pôr termo à guerra que, de 1992 a 1995, afligiu a Bósnia-Herzegovina. Esta vela da paz trouxe-a o Santo Padre João Paulo II, como confirmação das palavras que nos dirigiu durante a guerra: “Estamos convosco. Cada vez mais estaremos convosco!”.

Passa-se, este ano, o centenário do início da primeira Guerra Mundial, que coincide com o atentado ao arquiduque Francisco Ferdinando, que teve lugar precisamente nesta cidade. Podemos dizer que o último século foi o século do sangue, pois travaram-se, precisamente nestes cem anos, três guerras sangrentas e cheias de graves consequências. Não é fácil sarar todas essas feridas e restituir esperança e coragem à vida. Fui pessoalmente testemunha de tudo o que aconteceu durante e após esta última guerra na Bósnia-Herzegovina, de 1992 a 1995. Devido a essa dolorosa experiência,

(*) Arcebispo de Sarajevo.

sinto-me sinceramente feliz por ver tantos homens de boa vontade disponíveis a ajudar a curar as feridas da guerra e a construir a esperança. Nunca devemos deixar que as pessoas, que sofreram grandes provas na vida, percam a esperança!

As Leituras de hoje, que escutámos, encorajam-nos neste caminho de esperança. São Paulo pregava o Evangelho em Antioquia, como relata o texto dos *Atos dos Apóstolos*:

- Os profetas anunciaram a vinda do Messias – Cristo.
- Quando Cristo veio, os seus contemporâneos mataram-n’O.
- Cristo ressuscitou, está vivo – e esta verdade que Cristo está vivo é o ponto de apoio, de esperança e de força, para prosseguir. Testemunhar Jesus significa ter o sentido da vida.

A nós é dirigida esta palavra. Deus cumpriu a sua promessa. Agora, toca a nós acolher e seguir o que Ele nos disse.

Porque Jerusalém não aceitou Jesus e O condenou à morte, os hebreus dos outros sítios aceitam com dificuldade esse testemunho de que Jesus é vivo. É muito importante compreender a responsabilidade que tinham esses primeiros. Se Deus nos deu mais, também nos pedirá mais.

Jesus, no Evangelho, depois de ter preparado tudo para a sua despedida e para ir ao encontro da morte, proclama a sua palavra, testamento tão importante: Eu sou o caminho, a verdade e a vida.

A nossa vida é uma viagem. Tornámo-nos Igreja itinerante. A nossa vida não é algo de determinado pela ciência ou por um conjunto de regulamentos, mas consiste em seguir Aquele que é a Vida. A nossa vida consiste em seguir a pessoa de Cristo e decidir-se por Cristo Ressuscitado. Cristo Ressuscitado dá um sentido à nossa vida e assegura a vida eterna. Por isso, Ele diz que vai preparar-nos um lugar. Temos de ter confiança no seu anúncio, e com essa confiança e essa convicção proclamar a verdade, que é o próprio Cristo.

Não seguimos uma doutrina, um conjunto de leis, mas a pessoa de Jesus Cristo. Proclamamos isso e educamos a isso as gerações futuras. A nossa

missão é indicar essa estrada – que é Cristo, revelar a verdade – que é Cristo Ressuscitado, e testemunhar o sentido da vida – Cristo é a vida eterna.

Vivemos num tempo, em que caíram muitos valores; um certo relativismo “agressivo” traz consigo o desespero, e o homem moderno muitas vezes sente-se perdido. Por isso, temos uma grande responsabilidade: ajudar o homem de hoje a encontrar-se com Deus em si mesmo. Para as gerações de hoje não é fácil afastar-se dos critérios impostos pela sociedade. A nossa tarefa é anunciar, testemunhar e seguir o Verbo revelado e encarnado, o Redentor, que assegura o sentido da vida.

Os nossos encontros são importantes porque nos fortificam na comunhão e constroem a Igreja a partir de dentro. Cristo Ressuscitado deve ser, sempre e em toda a parte, o centro, porque Ele é o nosso Caminho, a Verdade e a Vida. Cristo Ressuscitado convida-nos a levar, também hoje, este anúncio ao homem que vagueia na escuridão da procura, sob o peso do desespero.

Obrigado pelo vosso empenho e pela vossa procura como homens e mulheres ao serviço do homem, através do ensino e da formação. Esta Europa tem necessidade que se aborde de forma mais responsável a formação das gerações futuras. Já não se pode fazê-lo como se Jesus não tivesse vindo, não se tivesse encarnado, não tivesse morrido e ressuscitado. A partir desta realidade, aproximemo-nos da realidade de hoje.

Ámen.

A formação cristã pessoal e o acompanhamento espiritual dos docentes católicos nas escolas

P. JOÃO SEABRA (*)

O tema da formação cristã pessoal e do acompanhamento espiritual dos docentes católicos nas escolas pode ser declinado pelo menos em três dimensões diferentes: o âmbito mais vasto da cura pastoral dos católicos presentes como docentes na escola, pública ou privada, católica, de outra denominação ou laica; a especial atenção aos docentes de religião na escola pública, nos países da Europa que, com diversos regimes e estatutos profissionais e académicos, incluem alguma forma de ensino da religião católica no programa escolar pré-universitário; a responsabilidade que a Igreja tem de educar e acompanhar no caminho da fé os educadores das escolas que lhe pertencem.¹

De certo modo, pode-se dizer que o primeiro âmbito, o dos docentes católicos no conjunto das escolas, pode ser reconduzido ao tema geral do apostolado laical dos adultos: a Igreja do século XX, a partir do famoso

(*) Responsável pela formação cristã dos docentes do Colégio de S. Tomás, Lisboa, Portugal.

¹ Estes temas foram objeto de particular atenção por parte da Santa Sé nos últimos quarenta anos, no sulco da Declaração conciliar *Gravissimum educationis*. Elencamos as intervenções mais importantes: SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *A Escola Católica*, 19.3.1977; Id., *O leigo católico testemunha de fé na escola*, 15.10.1982; CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Dimensão religiosa da instrução na escola católica. Orientações para a reflexão e a revisão*, 7.4.1988; Id., Carta *O apostolado do ensino religioso nas escolas católicas*, 15.10.1996; Id., *A escola católica no limiar do terceiro milénio*, 28.12.1997; Id., *As pessoas consagradas e a sua missão na escola. Reflexões e orientações*, 28.10.2002 (XXXVII aniversário da Declaração *Gravissimum educationis*); Id., *Educar juntos na escola católica. Missão partilhada por pessoas consagradas e fiéis leigos*, 8.9.2007; Id., *Educar ao diálogo intercultural na escola católica. Viver juntos para uma civilização do amor*, 28.10.2013.

Pentecostes de 1928, quando Pio XI proferiu o seu “*Eu quero a Ação Católica*”, até à *Apostolicam actuositatem* do Vaticano II e à Exortação Apostólica *Christifideles laici* de S. João Paulo II, não cessou de multiplicar as modalidades de acompanhamento da presença dos católicos no ambiente. O acompanhamento espiritual e a formação dos docentes acompanham a crise do apostolado organizado nos últimos trinta anos do século passado, aproveitando, ao mesmo tempo, também das novas formas de presença cristã introduzidas pelos movimentos e novas comunidades que entretanto surgiram na vida da Igreja

O segundo âmbito – a atenção pastoral aos docentes de religião – é um aspeto específico, com exigências e possibilidades de atuação muito diversificadas nos diversos países. Não me ocuparei dele, a não ser na medida em que fazem parte dos docentes da escola católica.

Entro no mérito da formação dos docentes da escola católica, que tem um valor exemplificativo: de certa forma, o que a Igreja consegue fazer no campo da formação e do acompanhamento dos docentes, nas escolas sobre as quais exerce autoridade direta e com os docentes de que tem responsabilidade imediata, poderá servir de paradigma para a atuação pastoral com os docentes católicos da escola pública.

Nesta reflexão inspiro-me em duas intervenções recentes do Papa Francisco: o discurso à Plenária da Congregação para a Educação Católica, do passado 13 de fevereiro, sobre a *preparação qualificada dos formadores* da escola católica, e o discurso ao mundo da escola italiana, de sábado, 10 de maio. Dizia o Santo Padre em fevereiro:

“Não se deve improvisar. Devemos ser sérios. (...) Nas escolas católicas, o educador deve ser, antes de tudo, muito competente, qualificado e, ao mesmo tempo, rico de humanidade, capaz de permanecer no meio dos jovens com um estilo pedagógico, para promover o seu crescimento humano e espiritual. Os jovens têm necessidade de qualidade de ensino e igualmente de valores, não apenas enunciados, mas testemunhados. A coerência é um fator indispensável na educação dos jovens. Coerência! Não se consegue fazer crescer, não se pode educar sem coerência: coerência e testemunho.

Por isso, o próprio educador tem necessidade de uma formação permanente. Portanto, é preciso investir a fim de que professores e dirigentes possam manter alto o seu profissionalismo e também a sua fé e a força das suas motivações espirituais. E, ainda nesta formação permanente, tomo a

*liberdade de sugerir a necessidade de retiros e de exercícios espirituais para os educadores. É preciso promover cursos sobre esta e aquela temática, mas também é necessário fazer cursos de exercícios espirituais e retiros para rezar, porque a coerência é um esforço, mas principalmente uma dádiva e uma graça. E devemos pedi-la!*²

1. O primeiro passo. Identidade da escolar católica e liderança

Já em 1977, num contexto muito diferente do atual, a Congregação sublinhava “a necessidade de que a escola ponha em confronto o próprio programa formativo, os conteúdos e os métodos, com a visão da realidade em que se inspira e da qual tudo depende na escola”.³ Esta nossa “visão da realidade” entra, com frequência cada vez maior, em contradição com ideologias propostas pelas autoridades dos Estados e promovidas sistematicamente pelas organizações internacionais. A escola católica, copiando por vezes sem sentido crítico, a escola estatal, pode tornar-se instrumento da transmissão de uma “visão da realidade” oposta à fé cristã. Corremos assim o risco de esquecer o essencial: “O que (...) define [a escola católica] é a sua referência à verdadeira conceção cristã da realidade. Jesus Cristo é o centro desta conceção”.⁴

Num passado ainda recente, muitas escolas católicas eram guiadas com uma determinação incansável de serviço ao bem da pessoa, com humanidade, humildade, sacrifício e sentido da cruz. Muitas vezes estavam confiadas a pessoas de visão, decididas a mudar o mundo e a doar-se pela construção do Reino, pessoas que tinham uma visão da Igreja, da pessoa, da sociedade, aprendida na exigência da sala de aula, na disciplina da oração e na fidelidade ao Evangelho. Talvez fosse necessário recuperar esses perfis dirigentes nas novas circunstâncias, e não ceder à tentação de entregar as direções e os lugares de responsabilidade das escolas aos conformistas que amam o poder. O testemunho de fé e de competência pedagógica das *lideranças* é essencial.

² PAPA FRANCISCO, *Discurso aos participantes na Plenária da Congregação para a Educação Católica*, 13 de fevereiro de 2014 (citado *Discurso à Plenária*). Nesta intervenção, o Santo Padre também fez referência ao recente documento da Congregação para a Educação Católica, *Educar ao diálogo intercultural na escola católica*, citado na nota anterior.

³ SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *A Escola Católica*, 19.3.1977, n. 28.

⁴ *IBIDEM*, n. 33.

Grandes mudanças, porém, atingiram um pouco por toda a parte a escola católica, alterando profundamente o contexto escolástico católico.⁵ A diminuição radical do número de educadores pertencentes à vida consagrada – sacerdotes, religiosos e religiosas – presentes na escola, levou nalguns países, certamente no meu, a uma quebra significativa do número de escolas católicas, com dioceses e congregações a fechar as escolas, cedendo-as ou vendendo-as; mas sobretudo contribuiu para a existência de um número crescente de escolas, canonicamente católicas no sentido do can. 803 §1 (escola dirigida pela autoridade eclesiástica ou por uma pessoa jurídica eclesiástica pública), que seguem mal, ou simplesmente não seguem, os critérios do §2 (*“A instrução e a educação nas escolas católicas deve basear-se nos princípios da doutrina católica; os docentes distingam-se pela ortodoxia e pela honestidade de vida.”*).

Também por isso, a questão da formação cristã pessoal e do acompanhamento espiritual dos docentes não se pode hoje dar por adquirida. Se quisermos manter o caráter católico da escola – não como formalidade jurídica, garantida pela propriedade, mas como lugar de proposta e de testemunho de fé – é necessária uma consciência acrescida do cuidado a ter na escolha e na guia dos nossos docentes.

Penso que devemos ajudar-nos, e ajudar os nossos docentes, a reconhecer e propor Jesus a partir de dentro do que se ensina: o ideal de uma escola católica, que não vive sobretudo da soma de coisas católicas, mas de um olhar mais verdadeiro e completo, e por isso mais entusiasmante, sobre as matérias concretas, é uma novidade poderosa. Dou um exemplo da escola onde trabalho: recentemente, assumimos um grande especialista. Para nos ajudar com o método que usamos no ensino da matemática; a chefe do departamento de matemática dizia-me, há dias, como ele ficara muito impressionado com a formação de docentes que fazemos todas as semanas e que, dado o seu estatuto, lhe fora proposta de forma opcional, nunca faltando a um encontro.

⁵ No horizonte do Grande Jubileu, a Santa Sé resumiu os sinais da transição num documento que, passados quase vinte anos, se mantém atual: CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *A escola católica no limiar do terceiro milénio*, referido na nota 1.

2. A formação cristã pessoal no âmbito da escola

Vejamos como o Papa Francisco resume o essencial da experiência educativa: “Educar é um gesto de amor, é dar vida. E o amor é exigente, requer que utilizemos **os melhores recursos**, que despertemos **a paixão** e que nos coloquemos **a caminho com paciência**, juntamente com os jovens”.⁶

Três questões se põem, então: como acompanhar e formar adultos, para que se tornem, cada vez mais, os melhores recursos, mantenham viva a paixão pela porção do real que ensinam, e caminhem com paciência juntamente com os jovens? Pois é verdade que a formação dos docentes na escola é a maior urgência que sentimos; o risco, porém, consiste em reduzir a experiência cristã e, portanto, a formação, aos aspetos éticos, morais ou sentimentais, sempre emboscados no caminho, e que podem ser de obstáculo a esse *encontro de duas liberdades* que define o ato educativo: a liberdade do docente católico pode esconder-se atrás das consequências da experiência cristã, impedindo que o aluno encontre realmente o docente.

2.1. O melhor recurso: o coração do homem

Para enfrentar a primeira questão – qual o melhor recurso da escola católica? – dou um exemplo. A classe de teatro do colégio que acompanho preparava-se para representar a opereta *West Side Story*. As duas docentes realizaram o trabalho de construção dos personagens, guiando os alunos numa permanente comparação entre a experiência de amor e amizade que os personagens vivem e a experiência humana que os próprios alunos faziam. Fizeram-no sem uma deliberada estratégia pedagógica, quase inconscientemente, porque tinham sido educadas a responder pessoalmente nessa modalidade. O que aconteceu – para além de um belíssimo espetáculo de teatro, canto e dança – foi uma mudança nos alunos: aprendendo e interiorizando as razões dessa história de amizades e inimizades, a relação entre eles mudou, a amizade tornou-se mais segura nas motivações, mais fundada, mais leal. E também a amizade entre as duas docentes mudou. A experiência de aprender através do teatro mudou as pessoas que nela se envolveram com lealdade.

⁶ PAPA FRANCISCO, *Discurso à Plenária*.

Em 1982, refletindo sobre o leigo cristão na escola, dizia a Congregação para a Educação: “(..) não se pretende falar aqui do professor como de um profissional que se limite a transmitir na escola uma série de conhecimentos sistemáticos, mas, sim, do professor como educador, como formador de homens. O papel deste último supera de muito o do simples docente, porém não o exclui. (...) O educador, tem necessidade de uma preparação profissional adequada. (...) Mas a profissão do educador possui uma característica específica: a transmissão da verdade. E esta característica atinge o seu sentido mais profundo no educador católico. Para ele, qualquer verdade é sempre uma participação na única Verdade. A comunicação da verdade como realização da sua vida profissional transforma-se no caráter fundamental da sua peculiar participação na missão profética de Cristo, que ele prolonga com o seu ensino.”⁷

A pequena história que contei procura indicar-nos um primeiro passo: o melhor recurso ao serviço da educação católica é o coração do homem, feito para a verdade; daí que o coração do homem tenha de ser o primeiro alvo do acompanhamento e da formação pessoal dos docentes na escola católica. Deve-se partir sempre dessa pergunta do homem, a que Jesus deu resposta. Nada é mais inútil que a resposta a uma pergunta que não foi feita.

Encontramos um pensamento do Cardeal Ratzinger: “Terá ainda a fé, de modo absoluto, alguma possibilidade de sucesso? (...) [Sim] porque encontra correspondência na natureza do homem. No homem existe uma inextinguível aspiração nostálgica ao infinito. Nenhuma das respostas que se procurou é suficiente; só o Deus que Se tornou finito, para rasgar a nossa finitude e levá-la à amplidão da sua infinidade, é capaz de vir ao encontro das perguntas do nosso ser. Por isso, também hoje a fé voltará a encontrar o homem.”⁸ Daí que a escola católica tenha, também hoje, uma sua possibilidade de sucesso.

2.2. Despertar a paixão

O amor pela escola, diz o Papa Francisco, pede-nos também para despertar a paixão: como ajudar os docentes a manter acesa a paixão pela

⁷ SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *O leigo católico testemunha de fé na escola*, 15.10.1982; n. 16.

⁸ Joseph RATZINGER, *Fede, Verità, Tolleranza. Il cristianesimo e le religioni del mondo*, Cantagalli, Sena 2003, pp. 142-143.

matéria que ensinam, ou seja, pela pequena porção de realidade de que são responsáveis perante os seus alunos?

Antes de mais, penso que é preciso testemunhar constantemente a própria paixão educativa. Conta-me a secretária da reitora do colégio: *“Todas as segundas-feiras, às três e meia, a reitora, depois da aula de religião que dá aos alunos finalistas, entra no gabinete a rir, e diz-me: ‘Que giro que isto é!’.* *E eu penso: mas será possível que, depois de quarenta anos de vida na Igreja e vinte a estudar o ‘Porquê a Igreja?’,⁹ esta mulher ainda esteja tão apaixonada pelo tema...?”.* A primeira coisa devemos suscitar, acompanhar e educar é docentes de história, literatura, matemática, física, biologia, arte, desporto, apaixonados pelo que ensinam.

Segundo, dar espaço e tempo à investigação e criatividade dos docentes. Muitas vezes, a preocupação da formação humana dos docentes torna-se uma questão paralela com o aprofundamento científico e cultural das disciplinas que ensinam. É um erro metodológico: há que educar o coração do homem dentro da experiência da história, da literatura, da matemática, da arte, da ciência, do desporto, para que cada um possa verificar pessoalmente a hipótese que lhe é apresentada.

Terceiro, é preciso arriscar a liberdade. Quem tem a responsabilidade de acompanhar e formar os docentes estará naturalmente mais adiante no caminho, na aventura do significado da realidade. A proposta a endereçar à liberdade dos docentes deve ser caracterizada por uma grande clareza como hipótese cultural e de interpretação da realidade. A verificação dessa hipótese deve ser absolutamente livre para poder ser aceite e partilhada.

Sábado passado, falando ao mundo da escola na Praça de São Pedro, o Papa Francisco revelava o motivo do seu amor pela escola, dizendo, entre outras coisas: *“Amo a escola, porque é sinónimo de abertura à realidade. (...) Ir à escola significa abrir a mente e o coração à realidade, na riqueza dos seus aspetos, das suas dimensões. E nós não temos direito de ter medo da realidade! A escola ensina-nos a compreender a realidade. Ir à escola significa abrir a mente e o coração à realidade, na riqueza dos seus aspetos, das suas dimensões. E isto é lindíssimo!”¹⁰*

⁹ Refere-se ao texto usado na aula: LUIGI GIUSSANI, *Porquê a Igreja?*

¹⁰ PAPA FRANCISCO, *Discurso ao mundo da escola italiana*, 10 de maio de 2014 (citado *Discurso ao mundo da escola*).

O docente é apaixonado da realidade; tem também, como sugere o Papa, a paixão de introduzir os seus alunos na realidade total:¹¹ não só no como são as coisas, mas no significado, no sentido e finalidade que elas têm. O docente deve confiar na ligação que um aluno sadio tem com o real, e indicar os conteúdos programáticos de modo a ilustrar essa ligação, para que o aluno esteja apto a reconhecê-la e a desenvolvê-la por si próprio. A “matéria” não é manipulável pelo docente conforme a sua ideologia ou gosto pessoal. A “matéria” deve ser a ponte entre as capacidades de cada aluno e a realidade, cada aspeto da realidade.

2.3. Caminhar com paciência, juntamente com os ... adultos

O Papa, no *Discurso à Plenária*, conclui convidando os docentes a caminhar com paciência juntamente com os jovens. Quem tem a responsabilidade de formar os docentes deve estar disponível para caminhar com paciência juntamente com os adultos. O acompanhamento dos docentes é um caminho que deve ser feito com eles e que requer paciência. Deve favorecer a reflexão contínua sobre a experiência feita na sala de aula; devem criar-se momentos de avaliação sobre as propostas curriculares, pedagógicas e didáticas; é necessário valorizar as experiências positivas no seio da comunidade educativa, propondo diálogo e seguimento.

Como despertar nos docentes a procura do ideal, a abertura a uma posição religiosa verdadeira, uma atração pelo cristianismo vivo, ajudando-os a tornarem-se testemunhas e educadores? Trata-se de adultos já formados, com diversos graus de experiência e, muitas vezes, com grande qualidade técnica e humana: o desafio é conseguir propor um tempo e um método, que seja interessante e útil para todos. Na escola que ajudo a guiar mantivemos sempre, ao longo dos anos, uma hora semanal de formação, com diversas propostas, que também tiveram um diverso sucesso.

A que, desde há muito tempo, considero a melhor recordação, uma ocasião que tantos ainda hoje recordam como sendo exemplar, foi a proposta de leitura, durante o inteiro ano letivo, da obra de Claudel *O anúncio feito a Maria*. Uma vez por semana, reuniam-se os docentes do preparatório e secundário;

¹¹ É a definição de educação de Jungmann: “*Eine Einführung in die Gesamtwirklichkeit*”, cf. J.A. JUNGMANN, *Christus als Mittelpunkt religiöser Erziehung*, Freiburg da Burgóvia 1939, p. 20. Citada em LUIGI GUISSANI, *Educar é um Risco*, Lisboa 2006, p.65

todos tinham o livro, liam-se as palavras dos personagens (e também as indicações da cena) de um trecho da peça. Eu comentava, fazendo perguntas sobre o significado do que fora lido. O resultado era um confronto sério, comovedor e, muitas vezes divertido, com as palavras de Claudel.

Porque se tratava de ler uma história, o fascínio de seguir o enredo levava a desejar saber o que vinha a seguir. E, tratando-se de um grande poema, traduzido para português por Sophia de Mello Breyner, um dos maiores poetas do século XX, todos se sentiam atraídos pela beleza do conteúdo e da forma. Por ser uma história exemplar sobre o cristianismo e sobre a vida concreta, e por permitir uma leitura viva dos próprios docentes, tornou-se uma experiência vivida e partilhada por todos, muito pessoal, ao mesmo tempo que tutelava o natural pudor, que, numa grande reunião, impede as pessoas de se exporem em público. A variedade dos personagens e das suas reações e ações sublinhava o drama da liberdade, que os próprios docentes sentiam na sua vida. O diálogo sobre o texto lido era sempre fecundo, cheio de um humor que aproximava as pessoas. Foi uma grande ocasião de amadurecimento, para descobrir uma certa dose de mesquinhez na nossa vida e de desejo de grandeza, pois cada qual encontrava na história uma e outro, podendo julgá-las e avaliá-las com distanciamento e proximidade ao mesmo tempo.

Para continuar na nossa análise, deixemo-nos, mais uma vez, guiar pelo Papa Francisco: *“... é preciso investir a fim de que professores e dirigentes possam manter alto o seu profissionalismo e também a sua fé e a força das suas motivações espirituais. E, ainda nesta formação permanente, tomo a liberdade de sugerir a necessidade de retiros e de exercícios espirituais para os educadores. É preciso promover cursos sobre esta e aquela temática, mas também é necessário fazer cursos de exercícios espirituais e retiros para rezar, porque a coerência é um esforço, mas principalmente uma dádiva e uma graça. E devemos pedi-la!”*¹²

Certamente estes retiros, cursos de exercícios, momentos de oração, fazemo-los com regularidade, e devemos aproveitar a indicação do Santo Padre para ser mais precisos neste campo. Momentos de catequese explícita, racionalmente fundada e culturalmente relevante – uma Evangelização que procure estar pelo menos ao nível académico dos docentes, e não infantil ou sentimental.

¹² PAPA FRANCISCO, *Discurso à Plenária*.

Mas há que estar sempre atentos também ao que propõe o Espírito, mesmo fora das nossas previsões pastorais. Dou um pequeno exemplo: desde o início do colégio, fazemos todos os anos um dia de peregrinação a Fátima. Vamos todos os docentes, todos os alunos, e todos os que trabalham no colégio: fecha-se a secretaria e a portaria, e convidamos a equipa do refeitório, que é externa. É um gesto muito simples, e um tanto cansativo (levamos quase duas mil pessoas, a partir dos três anos, muitos deles com handicap), que quebra a “rotina” quotidiana para fazer uma peregrinação, e é um grande desafio para todos. E cada ano perguntamo-nos: vale a pena continuar com este gesto? O que acontece lá aos nossos? É legítimo levar assim todos a Fátima? Estas perguntas encontram diferentes respostas na nossa experiência; apesar das dúvidas, continuamos a fazê-lo.

Há três anos um grupinho de dois ou três professores de educação física pediu-nos para fazer a viagem de bicicleta (três dias e três noites). Havia tantos motivos que desaconselhavam a ideia: os professores envolvidos eram necessários para a organização da viagem, a iniciativa parecia ter algo de lúdico... Mas eles eram entusiastas do desporto e da bicicleta, era para eles uma oportunidade de crescer numa unidade de vida... Tudo somado, acolhemos a iniciativa, apoiámo-la, permitimos que convidassem alunos e procurámos acompanhá-los: preparou-se um opúsculo de reflexões, orações e cantos; programámos testemunhos para os serões de cada noite; alguém da direção saía de Lisboa para os encontrar. No primeiro ano eram 9, no segundo 19 e este ano já eram 40. Cada ano, torna-se cada vez mais uma experiência de conversão para os que participam e um testemunho de alegria e de liberdade para todos. A ideia não veio de nós: apenas permitimos.

3. A responsabilidade educativa, lugar de crescimento para o docente

Nestes anos que tive a responsabilidade de acompanhar tantos docentes no caminho da fé, aprendi a compreender o papel que a responsabilidade educativa tem no seu aprofundamento de fé. Explico-me com um exemplo. Uma vez por semana, encontro-me com todos os alunos do secundário durante um tempo de aula, que chamamos assembleia – e outros responsáveis, padres ou leigos, com os dos restantes ciclos. Os docentes do secundário assistem à assembleia que faço com os alunos. Os temas são variadíssimos, desde a vida eterna às eleições europeias, e os alunos fazem perguntas, intervêm, dão testemunhos, a que respondemos como melhor podemos. Durante estes anos, vi muitas vezes docentes ficarem interpelados, comovidos e mudados,

graças a esse momento – talvez mais, e mais vezes, do que nos momentos a eles destinados. Perante as perguntas verdadeiras dos alunos, e também as respostas que essas perguntas lançam e provocam, desperta-se nos docentes o desejo de se sentirem compreendidos e respondidos da mesma maneira. Tantos momentos de encontro, conversão, sacramento com os docentes foram provocados pelas assembleias dos jovens. O facto – que também os alunos evangelizam, formam e acompanham espiritualmente os seus docentes – convida-me a terminar estas minhas considerações com uma última reflexão que o Papa Francisco fez sábado passado:

“Um outro motivo [pelo qual eu amo a escola] é que a escola é um lugar de encontro. Porque todos nós estamos em caminho, iniciando um processo, empreendendo um caminho. E (...) a escola (...) não é um parque. É um lugar de encontro no caminho. Encontram-se os companheiros; encontram-se os professores; encontra-se o pessoal assistente. Os pais encontram os professores; o diretor encontra as famílias, etc. É um lugar de encontro. E nós hoje precisamos desta cultura do encontro para nos conhecermos, para nos amarmos, para caminhar juntos. (...) Isto faz pensar num provérbio africano tão bonito: ‘Para educar um filho é necessária uma aldeia’. Para educar um jovem é necessária muita gente: família, professores da escola básica, pessoal não docente, professores, todos! Gostais deste provérbio africano? Gostais? Digamo-lo juntos: para educar um filho é necessária uma aldeia. Refleti sobre isto.”¹³

Acrescento: não só para educar um filho; de certa maneira, também para educar um pai, para educar um educador, para educar na fé os docentes, é necessária uma aldeia. Ninguém educa, se não é educado: e as nossas crianças, adolescentes, jovens, testemunhando aos seus docentes a seriedade com o coração, o desejo de felicidade, a simplicidade da fé, são protagonistas desta missão: a formação cristã pessoal e o acompanhamento espiritual dos docentes.

Duas ultimíssimas observações. A primeira: cultivemos uma verdadeira campanha humana com os docentes, os pais e os jovens. Quando a Igreja se inclina sobre o sofrimento concreto do homem, as palavras de evangelização

¹³ PAPA FRANCISCO, *Discurso ao mundo da escola*.

adquirem uma força incomparável. A segunda: cultivemos uma companhia vocacional entre os responsáveis. A nossa reitora costuma dizer que a educação e a formação espiritual são como a máscara do oxigênio nos aviões: antes de a pormos aos que nos são confiados – docentes, jovens, famílias – devemos pô-la em nós próprios. Várias vezes no ano, reunimo-nos, os das direções dos colégios, para rezar e refletir juntos. Todas as manhãs encontro-me com a reitora e uma vez por semana com a do novo colégio, para confrontar critérios essenciais, trocar pontos de vista, rezar juntos. Assim, reforçamos o testemunho que damos aos outros. Termino com um exemplo. Este ano, como disse, tomámos a responsabilidade de um novo colégio, que nos foi confiado pelas religiosas que o fundaram. Para educar os alunos e guiar os docentes, formámos uma equipa de três responsáveis a reitora, a diretora do primeiro ciclo e a diretora do segundo e do terceiro ciclos. Uma delas, que fazia com o seu marido há já alguns anos um caminho de fé com Famílias para o Acolhimento, adotou três crianças no decurso do ano: para os docentes, que começam a relacionar-se conosco, isso tornou-se um testemunho mais forte do que todos os encontros de formação que fizemos.

O futuro da formação cristã e do acompanhamento espiritual dos docentes católicos nas nossas escolas

ETIENNE VERHACK (*)

Excelências,
caros amigos e amigas

1. A eleição do Papa Francisco impressionou-me muito. O seu pontificado poderia iluminar-nos a nós, europeus. Também o Padre Marc Rotsaert sj, Superior dos Jesuítas da Gregoriana de Roma, distingue¹ três características na inspiração do Papa: a colegialidade, o encorajamento e a autenticidade.

Em primeiro lugar, a colegialidade. O Papa situa-se como crente entre os outros; escuta e corrige o percurso com prudência.

Em segundo lugar, o encorajamento. Na sua Exortação *Evangelii gaudium*, diz ele muito claramente que o anúncio do Evangelho para o nosso tempo “deve chegar a todos”,² para levar-lhes confiança e inspiração. Reformula aí para o século XXI a missão da Igreja. As suas ideias sobre a missão educativa exprime-as muito claramente: não educamos “perante os desafios, mas nos próprios desafios”.

E, em terceiro lugar, faz uma defesa em favor da autenticidade: traduzimos a nossa fé em atos, atendendo ao ambiente onde vivemos e trabalhamos?

(*) Secretário da secção ‘Escola’ da Comissão ‘Catequese, Escola, Universidade’ do CCEE.

¹ *Como o Papa Francisco incentiva ao desafio*: Intervenção num encontro de jesuítas holandeses, 1/5/2013.

<http://www.igniswebmagazine.nl/artikel/575/Hoe-paus-Franciscus-bemoedigt-en-uitdaagt>.

² *Evangelii gaudium*, 48.

“Evangelizar” é, portanto, tornar atraente, com os nossos atos e o nosso ser, a vida da fé e a nossa ligação com a Pessoa de Jesus.

Cada comunidade local é posta, assim, diante da sua responsabilidade. Deve ligar-se cada vez mais a Jesus, que encontra no Evangelho. Devemos fazer nosso o modo como Jesus olha para o homem, para os problemas locais, mas de modo especial para todos os jovens que sofrem e que nos são confiados nas nossas escolas católicas.

2. O objetivo do nosso encontro era o de nos debruçarmos, como comunidade europeia de cristãos, sobre a formação religiosa dos docentes nas escolas católicas. Os desafios não são pequenos.

Podemos pôr a situação das escolas católicas num eixo horizontal. Num lado do eixo, pomos as escolas católicas dos países da Europa de Leste. Vemos que são bastante homogêneas do ponto de vista da cultura e da religião: escolas para e com católicos, à exceção dos países balcânicos, que recebem muitas crianças muçulmanas. São mais os pedidos que os lugares. Essas escolas, que ressuscitaram como fénix depois do comunismo, passaram e continuam muitas vezes a passar por precárias situações financeiras. É o caso das escolas de Sarajevo, que acolheram um grande número de órfãos de guerra, e da escola greco-católica de Bucareste, que acolhe dezenas de crianças da rua, sem nenhuma subvenção do Estado, e é o caso das escolas da Albânia... Essas escolas podem ainda contar com um número significativo de padres, religiosos e religiosas, que concebem a sua presença como uma missão pastoral da Igreja. Saúdo aqui de modo muito especial as escolas católicas da Ucrânia, que merecem a nossa maior solidariedade nas circunstâncias atuais.

No outro lado do eixo, ponho as escolas da Europa Ocidental. Algumas dessas escolas católicas ainda podem contar com 5% de alunos que recebem uma educação católica em casa e com uma percentagem de professores crentes que pode chegar a 20%. Têm uma tendência muito pronunciada à secularização. Nelas, é difícil encontrar ainda professores crentes, que ousem, possam e queiram testemunhar a sua fé. Até entre os professores de religião, já há também quem não a testemunhe.

Entre as duas extremidades deste eixo só há movimento e mudança, que constituem, de facto, a dinâmica deste nosso encontro. A riqueza deste encontro CCEE-CEEC e do trabalho da Comissão Europeia para o Ensino

Católico reside na reflexão comum, na nossa diversidade, nos problemas que se põem e se porão e nas pistas que já se anunciam.

As escolas católicas mais monolíticas continuam a interpelar as outras: não vos esqueçais dos fundamentos da escola católica, mesmo se o vosso contexto muda. As escolas do outro lado do eixo procuram fazer compreender que houve grandes mudanças sociológicas, culturais e religiosas. Têm de viver sob ameaças dos governos ocidentais, que requerem uma preparação jurídica e política e onde se esgota grande parte dos esforços. E devem continuamente interrogar-se se investem o suficiente na formação e no apoio aos professores e dirigentes crentes, que ainda ousam dar testemunho. Não menciono a situação da França, onde a lei proíbe o testemunho explícito nas aulas. A mensagem que os responsáveis das escolas do Ocidente mandam aos outros é sobretudo a de não baixarem os braços, mas formarem docentes na e para a abertura.

Nos países de Leste, interrogam-se, com maior atenção do que no início do seu renascer, sobre as evoluções do Ocidente, pois essas mudanças não param nas fronteiras. Sabem, igualmente, que as dezenas de milhares de polacos, lituanos ou romenos que foram para o Ocidente, sobretudo por razões económicas e financeiras, tornam-se uma das pontes vivas para o transporte das evoluções no modo de conceber a vida, entre o país onde trabalham e a sua pátria. Nem menciono o papel dos médias e dos contactos através das novas tecnologias. No Leste, há que interessar-se sobretudo das soluções concretas que se procura aplicar nos países ocidentais.

3. Que faz a Igreja?

A maior parte das Conferências Episcopais mostra grande interesse pelas escolas católicas: inicialmente, mais para controlá-las do que para apoiá-las; felizmente, porém, a situação mudou. No Ocidente, as escolas são o único ponto de contacto entre a Igreja e os jovens. Em muitos países, as paróquias rapidamente se esvaziam.

A Igreja passou então a avaliar os programas dos cursos de religião. No Ocidente, distinguem-se, no professor de religião, três funções: é a testemunha, o especialista e o moderador na classe. Não se pode fechar em si mesmo; deve ser formado à capacidade de diálogo com todas as convicções religiosas e filosóficas. O Padre Fossion sj, do Instituto *Lumen vitae* de

Bruxelas, distingue, nos professores de religião, competência teológica, competência espiritual que se traduz nas atitudes e competência operativa que diz respeito à prática da comunicação.

Gostaria, portanto, de propor algumas estratégias.

Não tenhamos medo da palavra “estratégia” num período de grandes mudanças, e até de crise. A estratégia que proponho é dirigida a uma escassa minoria do pessoal escolar – insisto nisso – mas, sem essa minoria bem formada, a identidade desapareceria. O meu raciocínio é o seguinte: as nossas escolas católicas eram asseguradas por um número relevante de padres, religiosos e religiosas; por um grande número, portanto, de teólogos ou de pessoas formadas em teologia. A inspiração evangélica e essa presença de teólogos, que formavam o substrato da escola, estão em vias de definharem.

Daí que se deva adotar uma nova estratégia, se se quer manter em vida a identidade das nossas escolas.

Que estratégias?

O papel do diretor tem uma importância capital na escola católica. Foi o tema do nosso encontro em Bratislava. O diretor é responsável da pastoral escolar. Nalguns países, os leigos têm de adquirir uma formação numa escola superior ou numa universidade especializada na formação à chefia. A meu ver, subestima-se aí a importância da formação dos chefes de estabelecimento à fé e à pastoral. Há naturalmente países onde a lei impõe uma formação, em grande parte neutra. Para mim, o modelo francês de formação dos chefes de estabelecimento num instituto católico, fundado com essa missão, merece ser estudado nos outros países. Permite, ao mesmo tempo, uma seleção dos futuros chefes de estabelecimento. Penso que é uma escolha estratégica de extrema importância. Acrescento que, em França, os bispos dão aos chefes de estabelecimento uma carta de missão. Os diretores sabem assim a que estão obrigados.

A formação religiosa dos professores não é menos importante. A formação religiosa, dada em muitas universidades católicas aos futuros professores, excetuados os de religião, já não corresponde às expectativas.

Os que, de entre vós, foram chefes de estabelecimento sabem que não são precisos muitos para dar um rumo cristão ao barco da escola. O problema não é, a meu ver, a baixa percentagem dos crentes. O problema coloca-se a

dois níveis: por um lado, a nível dos diretores, indiferentes à fé e à pastoral, que já não encorajam essa minoria (o meu primeiro ponto de estratégia explicou a razão) e, por outro, a nível da formação, fazendo falta uma formação coordenada e sólida. Se se quer ajudar os professores crentes, minoritários na sua própria escola católica, haverá que propor àqueles ou àquelas que o desejarem uma formação sólida e, ao mesmo tempo, uma formação à comunicação dessa fé e ao diálogo entre fé e cultura ou culturas, o diálogo com a razão, com a ciência e com as outras religiões.

A responsabilidade dessa formação deveria ser objeto de uma concertação e planificação conjunta das dioceses com as congregações religiosas, que são quem tem a primeira responsabilidade em matéria. Não se pode deixá-la à fortuita oferta de algumas instâncias.

Em muitos países, a formação religiosa dos adultos e professores passou para a responsabilidade das paróquias. Nos países ocidentais, essa formação paroquial está em vias de desaparecer. Como pode, aliás, um padre com mais de 65 anos e que sozinho tem a seu cargo cinco ou seis paróquias, ocupar-se também de uma série de iniciativas de formação?

O que falta é uma nova coordenação e, talvez, também um novo conceito de pastoral dos adultos em geral. As dioceses, as congregações, os mosteiros de vida contemplativa, os centros de retiro, as universidades católicas, as escolas de formação exegética, as associações católicas, os institutos de formação, os centros de catequese de adultos devem refletir juntos e coordenar essa formação religiosa dos professores e educadores.

Poderiam pôr-se as seguintes questões: Quem faz o quê? Para quem? Onde? Qual é o programa mínimo a prever? Que financiamento?

Embora nos países de Leste ainda não se sinta essa urgência, convido os bispos desses países a prever a situação e a envidar esforços no sentido de formar leigos e dar-lhes uma sólida base teológica. Ainda tendes bastante pessoal, universidades católicas. A maior parte desses leigos ficou pela catequese recebida no Crisma; dar-lhes uma base teológica, combinada com uma formação à comunicação da fé e ao diálogo com todas as convicções, que estão ou estarão presentes nas nossas escolas.

4. Deverá, evidentemente, pôr-se a questão: que formação teológica de base? Permitti-me, portanto, que ponha entre aspas a formação à comunicação ou ao diálogo.

Penso que se poderia conjugar uma introdução aos elementos de teologia dogmática com uma introdução às grandes linhas de uma teologia espiritual. Esta última permitiria pôr as pontes de um acompanhamento espiritual – desde já ou quanto antes, por leigos – de pequenos grupos ou indivíduos que o pedissem. Não se esqueça, evidentemente, uma introdução à Bíblia e à leitura dos Evangelhos.

Num inquérito, que fiz, há dois anos no CEEC, apontei os seguintes temas:

1. Deus, fé e Trindade
2. Ser o discípulo de Jesus Cristo
3. O Espírito Santo em ação
4. A Bíblia
5. A oração
6. Igreja e missão, ecumenismo e diálogo
7. História da Igreja
8. A Igreja na sua dimensão comunitária, querigmática, litúrgica, sacramental e diaconal
9. Teologia moderna e atual
10. Fé e cultura atual
11. As grandes tradições espirituais
12. Ética, justiça social, espiritualidade e direitos do homem.

Os debates entre os membros desta assembleia poderiam fazer surgir outras iniciativas. Por isso e de propósito, não mencionei o “curso Alpha”, os grupos de leitura do Evangelho, o acompanhamento religioso pessoal, as jornadas de pastoral, a escola de teologia, a escola da Palavra na Espanha e as numerosas iniciativas interativas com as novas tecnologias. Todas estas iniciativas existem. Mas são conhecidas? São coordenadas?

Uma teologia espiritual, repito, poria as bases de um acompanhamento espiritual para aqueles ou aquelas que o desejassem. Poder-se-ia acompanhar os professores crentes, que são minoria na sua escola católica, fora do seu

estabelecimento. Poder-se-ia reuni-los “entre iguais”, vindos de diferentes escolas de uma região, para a leitura da Bíblia e o estudo do Evangelho, para intercâmbio das suas experiências e para momentos de oração. No fim, poderia dar-se-lhes uma nova forma de missão, antes de voltarem ao seu estabelecimento escolar.

Conclusão

Os esforços que vos propus só serão frutuosos se forem feitos com entusiasmo e realismo. As características da inspiração do Santo Padre, que mencionei no início, poderiam guiar-nos: a colegialidade, o encorajamento e a autenticidade. A missão da escola católica é fundamentalmente uma missão da Igreja, guiada pela mensagem evangélica. É a razão por que quis terminar com uma passagem de Mateus, onde Jesus nos pede, a nós pessoas da escola, que nos ponhamos *na sua escola*. É precisamente a seguir à passagem da revelação trinitária que o Evangelho de Mateus põe o apelo de Cristo aos que O querem seguir.

Referindo-Se às palavras da Sabedoria, do Eclesiástico, Jesus identifica-Se com a Sabedoria e diz: “ Tomai o meu jugo sobre vós e aprendei de Mim [*ponde-vos na minha escola*], que sou manso e humilde de coração, e encontrareis alívio para as vossas almas” (Mt 11,29). Espero que estes dias tenham podido contribuir para melhor nos instruímos nesse sentido evangélico, e assim, mais tarde, tomar decisões audazes, para melhorar a formação religiosa dos professores, em diálogo com as culturas, com as ciências e com a razão.

Homilia

18 de maio de 2014

(At 6,1-7; 1Pd 2,4-9; Jo 14,1-12)

MONS. FRANJO KOMARICA (*)

Caríssimos Irmãos em Jesus Cristo

Como sabeis, nos anos 90 do mais sangrento século da história do mundo desencadeou-se no nosso país uma terrível guerra durante a qual intencionalmente muitas igrejas foram destruídas. Depois da guerra em muitas comunidades, onde era possível, começou-se a reconstruir as igrejas. Na minha diocese várias comunidades paroquiais ainda esperam que também as suas igrejas sejam reconstruídas. Primeiro foram reconstruídas casas e residências destruídas.

A Igreja viva, a comunidade dos crentes cristãos, não se deixa reconstruir ou renovar do mesmo modo que as construções de betão ou de tijolo. A edificação de tal Igreja é, em primeiro lugar, uma obra de Deus. «Se não for o Senhor a construir a casa, em vão trabalham os construtores» (Sl 127,1). Na construção da Igreja viva de Cristo podemos ser construtores e colaboradores credíveis na medida em que deixarmos que Deus atue por nós.

Todos sabemos que a construção da Igreja como povo de Deus consiste de pedras vivas, e mesmo de pedras seleccionadas. Deus escolhe-nos para sermos membros da Igreja de Cristo, não somos nós que escolhemos a Igreja.

(*) Bispo de Banja Luka. Presidente da Conferência Episcopal da BKBiH.

Cristo, como cabeça da Igreja, pede aos homens que acreditam na sua palavra – pelo menos nas suas obras, porque as obras de Jesus revelam a sua unidade com o Pai (cf. Jo 13,10-11).

O mesmo vale para a sua comunidade, a Igreja. A Igreja de Cristo é uma comunidade de homens agradecidos, que reconhecem o valor dos dons de Deus e por isso cheios de alegria lhe agradecem. De todos os membros da Igreja vale: «Hão de reconhecer-vos pelos vossos frutos» (Mt 7,16). Sempre houve na Igreja sinais, obras, que revelaram Cristo como o caminho, a verdade e a vida. Também no nosso tempo se encontram estes sinais. E também os haverá amanhã, ou seja, também no futuro. O cristianismo continua sempre a desenvolver-se. O pensamento do futuro pertence à essência do cristianismo. A Igreja será sempre capaz de transformação. Mas a Igreja só será conduzida pela voz do seu Senhor. Para que esta voz seja escutada é exigida a maior atenção e vigilância.

Nós os Bispos em todos os países do nosso continente, tal como os nossos confrades nos outros continentes, somos os primeiros dos membros da Igreja chamados a dar testemunho da verdade revelada por Jesus sobre Deus e sobre o mundo. Do mesmo modo é-nos pedido que velemos para que o povo ou os povos nos nossos países reconheçam a verdade, que os libertará (cf. 1Tim 2,5; Jo 8,32). A salvaguarda fiel do depósito da fé e trabalhar as consequências do evangelho para a vida cristã no nosso mundo bem como a sua aplicação nas diferentes situações são elementos essenciais deste cuidado que nós os bispos queremos e mesmo devemos partilhar juntamente com os nossos mais próximos colaboradores sacerdotes, religiosos e leigos cristãos bem formados teológica e espiritualmente.

De um modo geral podemos dizer que a nossa Igreja – mais ou menos em todos os países europeus – com justiça pode sentir-se orgulhosa pelo contributo que sobretudo nas escolas católicas dá para o bem-estar espiritual e secular da sociedade. É sem dúvida nenhuma necessário continuar a apoiar este trabalho de educação e de formação, numa sociedade europeia em rápida transformação e zelar pela sua realização segundo os valores do Evangelho.

Sabemos por experiência que sempre que a educação se limita simplesmente à aprendizagem de conhecimentos científicos e tecnológicos, falha aquele objetivo nobre que a Igreja se propõe: o desenvolvimento total da pessoa humana e a realização de uma ordem social justa e pacífica. A

nós bispos compete-nos também no futuro a irrecusável tarefa de prosseguir no caminho do fortalecimento da identidade católica das nossas escolas através da definição das sua especial missão e através da promoção da assistência pastoral de professores e de alunos que estão nas instituições de ensino confiadas ao nosso cuidado. Pessoalmente gostava de intimamente exortar e encorajar programas de solidariedade das instituições de formação eclesiais ao nível europeu, nos quais escolas mais ricas pudessem partilhar os seus meios com escolas mais pobres. E isto é muito atual, penso não apenas na minha diocese muito devastada pela guerra. As nossas escolas, que atuam numa grande região da diáspora – em não poucos casos também hostil –, são muito apreciadas por muitos não católicos, que as frequentam. Elas são os lugares da evangelização que não é imposta, discreta e respeitosa (cf. 1Pd 3,16), da educação integral, da inculturação e da aprendizagem de um importante diálogo entre jovens de diferentes religiões e camadas sociais. Elas educam na atenção pelo outro como outro e na tolerância pelas diferenças e contribuem, deste modo, para a construção de um clima do muito necessário diálogo e da colaboração numa sociedade, de muitos pontos de vista, ainda muito dividida no nosso país.

Por isso estou não apenas eu muito feliz e ao mesmo tempo muito grato à organização deste congresso – CCEE e CEEC, porque vindo até nós nos estimula, apesar das não pequenas dificuldades, a continuar e a explorar novos caminhos, para estarmos abertos especialmente aos pobres e aos marginalizados, bem como a muitos alunos de outras etnias, culturas e religiões.

O nosso pedido geral e a nossa íntima oração a todos nós aqui reunidos poderia ser: que todos os povos, não apenas da Europa, mas de toda a terra, possam contemplar a salvação de Deus (cf. Sl 98,3)! Que muitos dos nossos concidadãos e contemporâneos possam testemunhar a nossa disponibilidade para responder àqueles que nos pedem razões da esperança (cf. 1Pd 3,15) na qual vivemos. Que eles possam ver as nossas boas obras como cristãos e louvar o nosso Pai que está no céu (cf. Mt 5,16)!

